

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

REGIONAL CATALÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS
SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
– MESTRADO PROFISSIONAL

ISABEL ADELORADA CIAPPINA

**O USO DAS FONTES FILOSÓFICAS/LITERÁRIAS PARA
O ENSINO DO RENASCIMENTO NO ENSINO MÉDIO**

CATALÃO
2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

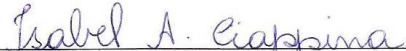
Nome completo do autor: Isabel Adelorada Ciappina

Título do trabalho: O uso das Fontes filosóficas/literárias para o Ensino do Renascimento no Ensino Médio

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a) ²

Data: 20 / 09 / 16

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

²A assinatura deve ser escaneada.

ISABEL ADELORADA CIAPPINA

O USO DAS FONTES FILOSÓFICAS/LITERÁRIAS PARA O ENSINO DO RENASCIMENTO NO ENSINO MÉDIO

Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História, sob orientação da Professora Dr^a. Teresinha Maria Duarte.

Linha de Pesquisa: Cultura, linguagens e Ensino de História.

CATALÃO
2016

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.**

Ciappina, Isabel Adelorada

O uso das fontes filosófico/literárias para o Ensino do Renascimento no
Ensino Médio [manuscrito] / Isabel Adelorada Ciappina. - 2016.
xciv, 91 f.

Orientador: Prof. Dr. Teresinha Maria Duarte.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica
Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em
Historia (profissional), Catalão, 2016.

Bibliografia. Anexos.

1. Ensino de história. 2. Fontes literárias. 3. Prática de Ensino. 4.
Renascimento. I. Duarte, Teresinha Maria , orient. II. Título.

CDU 94



Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 11

Aos vinte e oito dias do mês de outubro de dois mil e dezesseis realizou-se, no Mini auditório Congadas – Bloco L, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado “O uso das fontes filosóficas/literárias para o ensino do Renascimento no Ensino Médio”, de autoria da mestranda Isabel Adelorada Ciappina. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelas docentes: Profa. Dra. Teresinha Maria Duarte [Orientadora], professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Maria Conceição Silva, professora da Universidade Federal de Goiás – UFG/Goiânia; Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às nove horas, sendo presidida pela Professora Orientadora, que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, a Presidenta da sessão passou a palavra à discente que teve vinte minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra às componentes da banca que tiveram cada uma, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestranda igual tempo para responder. Após o término da arguição, a Presidenta da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, as arguidoras atribuíram o seguinte resultado: aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos vinte e oito dias do mês de outubro de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Teresinha Maria Duarte (Orientadora/ UFG/RC)

Profa. Dra. Maria Conceição Silva (UFG/Goiânia)

Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos (UFG/RC)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL



Observações da Banca (se necessário):

A banca exige uma revisão de redação
de acordo com as normas técnicas.
Fazer uma identificação mais precisa de
escola, como a sua localização.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em memória da minha mãe, Ivani Cristina Ciappina, que, em vida, muito me incentivou a continuar meus estudos, enfrentando todas as adversidades que surgissem pelo caminho. Ainda me mostrou desde cedo os espinhos da profissão (a mesma que exercia) fazendo com que tomasse gosto por esta, seguindo seus passos.

Dedico também a minha querida avó, Izabel Marques dos Santos, que esteve comigo por toda esta caminhada me amparando, não me deixando fraquejar e sempre me encorajando a lutar pelos meus ideais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele não conseguiria ter forças para concluir este trabalho. A minha irmã Angelina Luzia Ciappina que sempre esteve do meu lado em todas as ocasiões. Mesmo quando percorria noites adentro estudando ela cuidava de tudo para não me interromper. Também agradeço a meu irmão Saverio José Ciappina, que não mediu esforços para me apoiar e colaborar com minha caminhada.

Agradeço aos demais familiares que compreenderam quando não podia estar presente em diversas ocasiões devido às horas contínuas de estudo.

Ainda agradeço a atenção dispensada pela professora titular da Turma de 1º ano, tendo boa vontade e paciência, cedendo suas aulas para que pudesse realizar minhas oficinas, ficando à minha disposição nos momentos que precisei, mesmo estando apertado o calendário escolar com a quantidade de conteúdo a ser ministrado.

Deixo expresso aqui meus sinceros agradecimentos à orientadora, Prof^a. Dr^a. Teresinha Maria Duarte, que muito me auxiliou, se adequando às minhas condições de trabalho e não poupando esforços para me atender sempre que solicitei. Além do mais demonstrou qualidades de uma verdadeira mãe, se preocupando comigo em todos os momentos, tendo paciência e dedicação.

Não posso deixar de agradecer aos demais integrantes da banca, professor Dr. Getúlio Nascente da Cunha, que deu significantes contribuições para minha pesquisa e Dr^a Maria da Conceição Silva, que aceitou vir de Goiânia especialmente para participar da minha banca de defesa.

Por último, mas não menos importante, agradeço às minhas colegas do curso de mestrado Marta, Nathalia e Viviane as quais compartilharam minhas angústias e dificuldades, estando comigo por toda esta etapa. Proporcionaram-me muitos momentos inesquecíveis de descontração os quais lembrarei por toda vida. Assim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente com minha pesquisa. Muito obrigada.

“A Utopia está lá no horizonte (...)
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a Utopia?
Serve para isso:
Para que eu não deixe de caminhar.”
Eduardo Galeano

RESUMO

Existem diversos debates sobre o ensino de história, que perpassam décadas a fio, dentre eles encontram-se discussões como as de Rüsen (2007), em relação à metodologia de ensino e ao objetivo de se estudar história. Esses assuntos vêm desde a formação do professor, na universidade, até a sua inserção na sala de aula, com a tentativa de incorporar as pesquisas feitas na universidade nas ações didático-pedagógicas, para que não se distanciem, servindo como forma de complementação da teoria com a prática. Uma maneira que contribui muito com essa aproximação é a proposta por Bittencourt (2011), que menciona a utilização de diferentes linguagens e fontes no ensino de história em sala de aula, como o uso de fontes literárias, para aproximar os alunos dos conteúdos de história. Por isso, um dos focos desta pesquisa está no método de ensino através do uso de fontes literárias, no intuito de torná-lo mais atrativo para os alunos. Outro foco de estudo está na formação do pensamento histórico do Renascimento, pelos humanistas, contidas nos documentos propostos para a análise, nas oficinas. Os problemas que movem esta pesquisa são: Como adequar o uso de fontes literárias ao ensino de História? Porque os alunos se encontram desmotivados ao estudar História no Ensino Médio? Como ensinar o Renascimento para alunos do Ensino Médio? Qual o pensamento humanista presente na “introdução” das seguintes obras: Elogio da Loucura de Erasmo de Rotterdam, Utopia de Thomas More e O Príncipe de Maquiavel? Este estudo se embasa na noção de consciência histórica de Rüsen (2007), nos estudos de didática feitos por Bittencourt (2011) e ainda nas relações de didática com prática de ensino de Fonseca (2003). Além disto, se complementa com a prática de oficinas para testar a funcionalidade do método de ensino, proposto ao longo da pesquisa. Chega-se a conclusão que abordar fontes literárias, do Renascimento no ensino de história, torna as aulas mais interessantes e prendem mais a atenção dos alunos proporcionando maior participação destes, em sala de aula, estimulando seus raciocínios e senso crítico a respeito do Renascimento.

Palavras-chave: Ensino de história; Fontes literárias; Prática de Ensino; e Renascimento.

ABSTRACT

There are different debate about the history teaching that runs through decade the thread, inside them find debate as of Rusen (2007) in connection the teaching methodology and objective of teach history. The subject comes since the teacher's formation in the university, until your insertion in the class, with incorporation attempt the research made university in the pedagogic-didactic action for that no distances, serving as complementation form of theory with practice. The way that contributes very with approximation is the proposal by Bittencourt (2011) that mentions the utilization different languages and source in the history teaching in the classroom, such as the use of literary fountain, for to bring the students of history contents. Therefore, a focus this research is in teach method through of using of literary fountain, in order to make it more attractive for students. Other teach focus is in the formation history thought of renaissance by humanists, contained in the proposed documents for analysis, in the workshops. The problems that move this research are: How to right the use literary fountain the history teaching? Because students are motivated to study history in high school? How to teach renaissance for high school students? Which this humanist thought in the "introduction" of the following works: Madness praise of Erasmo of Rotterdam, Utopia of Thomas More and The prince of Maquiavel? This study it embases in the notion of historic conscience of Rusen (2007), us estudy of didactic made for Bittencour (2011) and until didactic relations with practice teaching of Fonseca (2003). Besides, it supplement with the practice of workshops for to test the functionally of teaching method proposal the long of research. Arriving the conclusion that to approach literary fountain in the history teaching to turn the lessons more interesting keeping attention of students and proposing more participation them in the classroom, stimulating your reasoning and critical sense about of renaissance.

Keywords: History teaching; Fountain literary; Teaching Practice; and Renaissance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	16
2.1 Materiais.....	17
2.2 Descrição detalhada dos procedimentos.....	20
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
3.1 A desmotivação dos alunos.....	28
3.2 O papel do professor no processo de motivação dos alunos.....	30
3.3 O uso de fontes literárias no ensino de história.....	34
3.4 O uso de fontes filosófico/literárias para o ensino do Renascimento para alunos do Ensino Médio.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5. REFERÊNCIAS.....	47
6. ANEXOS.....	53

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se intitula *O uso das Fontes Filosóficas/Literárias para o ensino do Renascimento no Ensino Médio* e busca aproximar o Ensino de História da relação ensino-aprendizagem vista nas escolas atualmente. Essa aproximação se deu por meio de pesquisas, utilizando obras filosófico/literárias características do Renascimento, que foram analisadas durante a graduação¹, em projetos científicos já desenvolvidos. Sendo, portanto, retomadas no Mestrado Profissional, que é voltado para este fim, analisar a atuação do professor de história, pois abrangem um tema complementar ao ensino, dando muita familiaridade e domínio no exercício profissional.

Ao observar o ensino de história nas escolas, atualmente, nota-se uma constante modificação, em busca de uma melhoria na forma de ensino, criando espaço para abordar outros meios de se transmitir o conteúdo de história aos alunos. Ao investir na minha pós-graduação, optei pelo Mestrado Profissional de História, tendo a possibilidade de abordar metodologias interessantes, para o melhoramento do ensino de história. Esta pesquisa faz uso de fontes literárias, ou filosófico-literárias, acreditando que, as mesmas, possam incentivar os alunos e motivá-los para as aulas de história, permitindo a compreensão do passado de forma crítica, pois se utiliza de maneiras diferentes para representar os fatos.

Entretanto, para ministrar uma fonte literária no ensino de história, o professor deve atentar para o que Fonseca (2003, p. 166) adverte: “cabe aos professores, muita sensibilidade no trabalho com o texto literário, pois é necessário respeitar os limites próprios do discurso, e, ao mesmo tempo, não confundir história com ficção e aventura, ao tentar tornar seu ensino mais prazeroso.” Levando em conta que, o papel do professor é ajudar os alunos a ter uma posição crítica diante de tais fontes, considerando que, toda literatura apresenta traços da realidade, intercalados com a ficção.

Desta forma, trabalhar com fontes literárias é interessante para perceber até que ponto uma obra aborda a realidade, sempre contrapondo com a ficção própria da literatura. Este recurso veio à tona dando novos rumos para a história, levantando outras questões, como o cotidiano dos alunos, que podem ser pensadas em sala de aula estimulando a consciência

¹ Com o projeto de Iniciação Científica e a Monografia de Final de Curso, ambos intitulados: “Erasmus de Rotterdam e a Igreja do Ocidente no século XVI”. Sendo ambos orientados pela profª Drª. Teresinha Maria Duarte UFG/RC

histórica nos alunos. Dessa maneira, se torna possível trabalhar obras literárias, na pesquisa e no ensino de história, estabelecendo um contraponto entre as mesmas com a realidade.

Sendo assim, qualquer realidade, período histórico ou cultura pode ser estudado através da Literatura. Porém, Blanch (2013, p. 34) apresenta dois caminhos ao se tratar da literatura no ensino de história, sendo estes:

uma perspectiva disciplinar, propriamente histórica, a partir da qual a literatura é considerada como uma fonte ou um recurso para o conhecimento histórico, e uma perspectiva interdisciplinar a partir da qual a história e a literatura estão em pé de igualdade na aprendizagem integral de um período histórico.

Pretendeu-se, aqui, trabalhar com o primeiro viés utilizando a literatura como fonte de conhecimento carregada de características históricas, que podem ser analisadas e interpretadas pelos alunos, fazendo da mesma uma forma de interação com os mesmos, despertando seu interesse pelo passado. Entretanto, uma obra literária só permite acesso a uma dada realidade, quando questionada corretamente. A esse respeito Correia (2012, p. 193) relata que:

A literatura pode e deve ser utilizada como documento histórico, capaz de revelar as mudanças e permanências da sociedade de uma época, assim como qualquer outro documento histórico, que só tem o seu valor quando o historiador faz as perguntas necessárias para extrair as informações que procura.

Então, a literatura se torna uma fonte importante, como discorre Fonseca (2003, p. 217), pois estimula o processo de ensino e aprendizagem desenvolvendo a pesquisa, o debate, a formação do espírito crítico e inventivo no/a aluno/a.

Mas, quando se trata de usar o documento – não só o literário – como material didático, o professor deve observar a maturidade cognitiva dos alunos e, mediante um planejamento, traçar objetivos, para seu uso, e metas a serem alcançadas, porque, segundo Bittencourt (2011, p. 329), “Os jovens e as crianças estão ‘aprendendo História’ e não dominam o contexto histórico em que o documento foi produzido.” Por isso, tem que se ter atenção na escolha da fonte, atentando para a faixa etária dos alunos, o que implica que a linguagem utilizada no documento, deve ser de fácil compreensão para eles.

Neste sentido, o professor pesquisador (historiador) precisa do momento adequado, para a inserção dos mesmos (dos documentos), considerando que os alunos possuem conhecimento prévio do assunto de forma rasteira; conhecimento nem sempre bem estruturado para eles, levando o professor a direcionar esse conhecimento ou, em alguns casos, construí-lo junto com a turma; pois, de acordo com Leal, (2011, p. 8) “A concepção prévia é uma das condições para o desenvolvimento da consciência histórica.” Porém, se

esbarrando na noção de consciência histórica, o fazer do historiador, para Rüsen (2007, p. 33-4) “tem por objetivo [...] extrair do lastro do passado pontos de vista e perspectivas para a orientação do agir, nos quais tenham espaço a subjetividade dos agentes e sua busca de uma relação livre consigo mesmo e com seu mundo.” Ou seja, ao analisar um documento, o historiador interpreta os fatos ocorridos no passado buscando perspectivas de ações para o presente.

Assim, esta pesquisa se pautou no ensino do Renascimento aos alunos do Ensino Médio fazendo-se necessário contextualizar este movimento que ocorreu entre os séculos XIV e XVI, período em que aconteciam muitas mudanças, conforme Le Goff (1995, p. 95-96) descreve:

um período de transformações. [...] O artesanato, mais duramente explorado, [...] os fatores políticos desempenham um papel capital. [...] É a era do Príncipe. [...] Desaparecerá o intelectual da Idade Média. O primeiro plano cultural será ocupado por um personagem novo: o humanista.

Observando que o Renascimento se trata de um movimento cultural que surgiu na Itália e se espalhou por toda a Europa, dentro deste movimento encontra-se o Humanismo, o qual pode ser designado, de acordo com Deluis (2001, p. 3), como uma “corrente literária e filosófica do Renascimento, [e] significa formação erudita nas artes e ciências que desenvolvem o lado humano do homem. Humanistas eram, no século XV, os professores recorrendo a fontes antigas, ensinavam gramática, retórica, na história, literatura e filosofia moral.” Referindo-se as Universidades que estavam inovando sua forma de pensar e dentro delas existiam muitos humanistas. Sendo que, até o século XVI, todo o conhecimento estava nas mãos da Igreja, os filósofos, para poderem ter acesso ao mesmo, se tornavam homens da Igreja. Entretanto, alguns dentre eles, tiveram dificuldades com a mesma, correndo o risco, a todo o momento, de serem perseguidos; porque, tinham uma originalidade de pensamento e ideias inovadoras, decorrentes das grandes descobertas científicas e das transformações culturais.

Portanto, em meio às características do Renascimento, o Humanismo, se embasou no Antropocentrismo, o qual, segundo Dubois (1995, p. 198), se trata da “descoberta do homem como sujeito, não mais como essência ou objeto. Nem rival de Deus, nem simples ‘mosca entre as mãos de deuses cruéis’. O homem nada mais que humano, porém cada vez mais humano – esse o objetivo do humanismo.” Assim, o Humanismo pode ser considerado um movimento que empunhava a bandeira da valorização do ser humano como um ser pensante e não mais como objeto das vontades dos deuses, inclusive do Deus cristão.

Outro ponto importante abordado pelos humanistas se refere ao uso da razão como medida de todas as coisas. Considerando que através da razão os humanistas ampliaram seu conhecimento e o levaram para a população, alertando-a das más ações das autoridades, mostrando que era bom ter o referido conhecimento para não ser tido como tolo. Dessa forma, os humanistas incentivavam a população a ter o hábito de ler e escrever, sendo que antes existiam pessoas que apenas sabiam ler, mas não escrever, além de haver os ouvintes leitores, isto é, aqueles que ouviam a leitura feita por outras pessoas.

A invenção da imprensa revolucionou aquela realidade, porque como lembra Ribeiro (2007, p. 30), a invenção da imprensa barateou o preço do livro, favorecendo a leitura individual. Então, o livro expandiu-se para além da Igreja e das universidades, ajudando, por conseguinte, a aumentar a força do humanismo por toda parte. Como Chaunu (1975, p. 29) afirma: “o meio humanista é um pouco a ponta de um leitor mais vasto que o da Igreja, abrangendo-o em grande parte. [...] No entanto, sem o livro impresso não existe revolução humanista.”

Neste sentido, verifica-se que o Renascimento é bem rico em produções culturais, servindo para compreender diversos assuntos do cotidiano dos alunos. Sendo que esta pesquisa explora algumas dessas grandes produções.

Ainda é importante ressaltar a respeito do ensino de história no Ensino Médio, devido a ser, uma etapa fundamental para que os alunos compreendam sua importância no mundo como cidadãos atuantes e conscientes do seu dever em sociedade. Considerando que antigamente o Ensino Médio tinha a função de formar profissionais para o mercado de trabalho e atualmente de acordo com Magalhães (2006, p. 58) “adquiriu uma função formativa em si.” Onde os alunos, são preparados para viver em sociedade. Entrando em cena a função da disciplina de história que, conforme Bittencourt (2011, p. 47) a “disciplina ou matéria escolar visa formar um cidadão comum que necessita de ferramentas intelectuais variadas para situar-se na sociedade e compreender o mundo físico e social em que vive.” Ou seja, o ensino de história proporciona elementos para se compreender a sociedade, dando possibilidades para que os alunos desenvolvam um senso crítico.

Na tentativa de dar suporte a isto, tem-se o papel do professor que, para Silva, Pereira (2014, p. 754-5) é de “contribuir com o aprendizado de seus educandos levantando questões, apontando problemas, desenvolvendo o pensamento lógico e argumentações sobre o tema discutido.” Para que se tenha, por parte do aluno, uma boa compreensão do assunto, com um bom desenvolvimento crítico, faz-se necessário trazer o ensino de história para o cotidiano deles, no intuito de acompanhar as mudanças que a sociedade enfrenta. Por outro lado, os

alunos chegam à escola, a cada ano trazendo, conceitos e valores bem diferenciados dos que foram adquiridos pelos professores, como declara Scheimer (2010, p. 2)

o distanciamento entre a vivência do aluno e a forma que o professor tende a passar determinados conteúdos, o dinamismo vivenciado pelo aluno está fora da realidade transmitida pela maioria dos professores de história, que tendem a ensinar uma ‘história estrangeira’.

Levando o aluno a ficar sem compreender o conteúdo ministrado, não dando a devida importância, como relata Mattoso (2007, p. 142) “não encontram nos conhecimentos adquiridos na escola apoio algum para referirem estas informações a uma sequência estruturante da memória coletiva, não sabem a que sujeito devem atribuir tais dados e só muito vagamente compreendem a sua efetiva importância.” Sendo necessário o professor adequar o ensino de história à realidade dos alunos, para sua melhor compreensão. Conforme continua Scheimer (2010, p. 8),

Percebe-se que se o aluno estivesse envolvido nos seus interesses, trazendo sua bagagem de conhecimento, e o professor orientando e mediando essas informações, seu interesse pela escola e a imagem que ele teria do professor seria diferente, pois ele enxergaria no professor alguém que o orienta e o valoriza.

Por isso, na prática, o professor que é o mediador do conhecimento, transformando o ensino de história em algo prazeroso, contribuindo para que, os alunos se tornem seres pensantes e atuantes na sociedade.

Ainda, em relação ao ensino de história, Rüsen (2007, p. 89) ensina que “o saber histórico dos historiadores não é o único ‘valido’ porque científico, e que por isso mesmo, deveria ser reproduzido ou simplificado em sala de aula, o que ele critica como sendo ‘didático da cópia’.” Onde o professor, na maioria das vezes, não facilita ao aluno se expressar, apenas aplicando o conteúdo, sem dar o devido respeito à vivência cultural, trazida pelo alunato para a sala de aula. Em contra partida, o conhecimento deve ser construído em conjunto com a turma, de forma que facilite a compreensão dos acontecimentos históricos.

No entanto, o ensino de história antigamente, era considerado por Schmidt e Cainelli (2004, p. 90) como “tradicional ou positivista”, se baseava na transmissão dos fatos pelo professor ao aluno, como realmente aconteceram e o documento entrava, segundo as mesmas (2004, p. 90-1) “como prova irrefutável da realidade”. Mas, este modo de ensinar história, sofreu alterações ao longo do tempo e o ensino de história se aproximou do aluno estimulando-o, conforme Schmidt e Cainelli (2004, p. 93), “suas lembranças e referências sobre o passado.” Com isso, ocorreu a incorporação de novas fontes como a literatura, porque de acordo com Bittencourt (2011, p. 340) “têm como objetivo não apenas desenvolver ‘o

gosto pela leitura' entre os alunos, mas também fornecer condições de análises mais profundas para o estabelecimento de relações entre conteúdos e forma.” Possibilitando diversas abordagens para o mesmo conteúdo.

Dessa maneira, o uso de fontes filosófico/literárias no ensino de história, se torna possível, pois estas passaram a ser entendidas, como materiais voltados para um público amplo, o qual o professor, adéqua como materiais didáticos, através de seus métodos de ensino, de maneira que proporcionem uma boa compreensão aos alunos. As fontes literárias registram fatos, crenças e medos, para as gerações posteriores e esse registro se fez, com a intenção de perpetuar uma memória, que uma sociedade quis deixar de si, através da narrativa.

Ao eleger o uso de fontes filosófico/literárias, para esta investigação da relação ensino/aprendizagem, não houve o interesse de suprimir o uso do livro didático, partindo do pressuposto de que, este é um conhecimento que está ao alcance dos alunos, mas que não deve ser entendido como portador da verdade absoluta, sendo necessário questioná-lo e complementá-lo². Esta pesquisa tem por finalidade, então, contribuir para suprir as deficiências presentes no método de ensino atual. Por conseguinte, foi proposto este método de ensino do Renascimento, com o uso de fontes literárias como uma ferramenta de aprendizagem para os alunos do Ensino Médio, com o intuito de empolgá-los no estudo de história, complementando o conhecimento passado pelo livro didático.

Assim sendo, fez-se uso da obra *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam, já estudada por mim, na graduação – juntamente com as seguintes obras: *A Utopia*, de Thomas More, escolhida por ser uma obra bastante citada no período do Renascimento e pela participação do autor no movimento intelectual (humanismo), comungando das mesmas ideias de Erasmo, porém em outra localidade (Inglaterra), apresentando hábitos e costumes diferentes. E, por fim, *O Príncipe* de Maquiavel, que se junta às demais obras pela sua reputação e referência dentro do Renascimento, lembrando que o autor tinha a Itália como inspiração, devido à sua vivência. Além do que, foi neste local, onde teve início o Renascimento espalhando-se posteriormente por todo o Ocidente.

Por conseguinte, as respectivas obras, escritas no século XVI, apresentam características do Renascimento e um modelo idealizado de organização social, item que os alunos podem reconhecer e comparar com a nossa realidade. Podendo fazer um contraponto

² A respeito do livro didático, sua produção e distribuição, conferir, especialmente o 1º capítulo da dissertação de mestrado “As produções imagéticas dos livros didáticos de história e a construção do conhecimento discente” de Marta Helena Batista Machado de Sales – UFG/RC, 2016.

temporal dos acontecimentos do passado com os do presente, instigando-os a questionar como se formou a sociedade em que vivemos.

Na presente pesquisa, foram enumeradas as seguintes problemáticas: Como adequar o uso de fontes literárias ao ensino de História? Porque os alunos se encontram desmotivados ao estudar História no Ensino Médio? Como ensinar o Renascimento para alunos do Ensino Médio? Qual o pensamento humanista presente na “introdução” das seguintes obras: *Elogio da Loucura* de Erasmo de Rotterdam, *Utopia* de Thomas More e *O Príncipe* de Maquiavel?

A partir disso, optou-se pelo seguinte objetivo geral: compreender o nível de ensino/aprendizagem proporcionado pelo uso de fontes literárias nos conteúdos de história. Ainda constam os seguintes objetivos específicos: pontuar as problemáticas envolvidas na construção do ensino de história; analisar os fatores de desmotivação dos alunos nas aulas de história; entender o papel do professor no processo de motivação dos alunos; verificar como o uso de fontes literárias, como documento, pode facilitar o ensino de história; e verificar o uso de fontes filosófico/literárias para o ensino do Renascimento para alunos do Ensino Médio.

Tenho como hipótese que a desmotivação do aluno encontra-se na maneira como o professor conduz sua aula, porque depende muito da forma como este desenvolve a atividade, em sala de aula, levando o aluno a interessar-se e participar. Conforme, Burochovitch, Bzuneck (2009, p. 15), “à medida que as crianças sobem de série, cai o interesse e facilmente se instalam dúvidas quanto à capacidade de aprender certas matérias.” Com isto, se o professor não consegue prender a atenção devidamente dos seus alunos, os novos conteúdos vão se transformando em um acúmulo de informações mal digeridas na cabeça da criança, do adolescente e do jovem, acarretando o aumento dos índices de analfabetos funcionais nas escolas. Ou ainda, gerando alunos deficitários, com sérios riscos de evasão escolar, o que tem ocorrendo frequentemente nas escolas.

Tal situação, se contrapõe à existência do bom aluno que, se encontra motivado nas aulas, como Bzuneck, Guimarães, Burochovitch (apud CAVENAGHI, BZUNECK 2009, p. 1479) discorrem, que é possível identificá-lo por “mostrar-se envolvido de forma ativa no processo de aprendizagem, com esforço, persistência e até entusiasmo na realização das tarefas, desenvolvendo habilidades e superando desafios.” Porém, este tipo de aluno é cada vez mais escasso dentro da sala de aula, persistindo com muita dificuldade, necessitando de apoio por parte dos professores para não se extinguir por completo, observando que a motivação desses alunos não é estável podendo ser modificada a qualquer momento e o professor precisa estar sempre atento a isso.

Logo, entendo que, para melhorar o desempenho dos alunos e levá-los a ter interesse pelos estudos cabe ao professor adotar diferentes métodos, para tornar o ensino cada vez mais interessante aos alunos. Como o uso de linguagens e fontes variadas, contribuindo, segundo Azevedo (2010, p. 2) “para uma aprendizagem significativa do aluno, pois faculta a este saberes para a leitura e compreensão do mundo que o cerca.”

A respeito da escolha de fontes filosófico/literárias como documento no ensino de história, tem-se como hipótese que tais fontes podem aumentar a percepção crítica dos alunos e suas capacidades de interpretação de texto, partindo da concepção de Bittencourt (2011, p. 330), segundo a qual, a literatura é um material mais atrativo e estimulante aos alunos, incentiva-os a ligar o conteúdo das fontes literárias com a sua realidade, seus anseios e inquietações, despertando sua curiosidade e interesse pelas aulas de história.

Em seguida, o emprego de fontes filosófico/literárias como fontes históricas podem contestar o conhecimento exposto no livro didático, como aborda Schmidt e Cainelli (2004, p. 92), que afirmam: “o trabalho com o documento histórico em sala de aula é importante para a desconstrução de determinadas imagens canonizadas a respeito do passado.” Principalmente em se tratando, dos interesses políticos e ideológicos de autores e editoras de livros didáticos. O desenvolvimento de uma consciência crítica, por parte dos alunos, pode contribuir para a não aceitação de tudo como verdade absoluta.

Sobre o ensino do Renascimento no Ensino Médio, tenho como hipótese que a utilização de fontes filosófico/literárias pode transmitir o pensamento dos humanistas, tanto políticos como religiosos. Considerando que, com estes recursos e métodos tem-se a possibilidade de apresentar as características do Renascimento, itens fundamentais para se estudar este conteúdo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

No caso desta pesquisa, foi proposto como materiais as fontes literárias e como método a execução de oficinas em sala de aula para analisar, na prática, a funcionalidade do emprego das fontes literárias, como forma de complementação do conteúdo disponibilizado no livro didático e auxiliar na construção do conhecimento acerca do Renascimento.

2.1 Materiais

Considerando que, nesta pesquisa utilizou-se, como fontes, as obras filosófico/literárias³: *Elogio da Loucura* de Erasmo de Rotterdam; *A Utopia* de Thomas More; e *O Príncipe* de Maquiavel utilizando apenas a “Introdução”, de cada uma delas, em uma proposta de oficina.

Partiu-se, então, da apresentação aos alunos da crítica externa e interna das obras para que, compreendessem melhor o sentido dos textos utilizados. Como parte da crítica externa, tornou-se relevante mencionar uma resumida biografia dos autores das obras escolhidas: Desidério Erasmo, autor de *Elogio da Loucura*, mais conhecido em todo o mundo como Erasmo de Rotterdam, que é considerado um dos humanistas de maior destaque durante o século XVI. Nascido em Rotterdam, na Holanda, no ano de 1466. Ingressou na ordem dos agostinianos, onde se ordenou padre em 1492. Foi nomeado secretário do bispo de Cambrai. Estudou teologia, conforme Prunzel (2007, p. 6), na Universidade de Paris. Partiu para a Inglaterra, segundo Martins (2005, p. 124), com o intuito de conhecer a Universidade de Oxford, vindo a ter contato com humanistas ingleses, como Thomas More e John Colet que o influenciaram bastante. Em 1509, publicou o seu *Elogio da Loucura*, na Holanda. Prunzel (2007, p. 6), fala que, ele teve grande influência de clérigos, estadistas e universitários ao longo de sua vida.

Thomas More, em latim (*Morus*), que escreveu *A Utopia*, foi um importante adepto do Humanismo na Inglaterra, tendo nascido em Milk Street, região de Londres, no ano de 1477. Seguiu a profissão de advogado, como menciona Nasseti (2005, p. 115), a mesma de seu pai. Entrou na Universidade de Oxford, em 1492. Teve contato com John Colet e Erasmo de Rotterdam, seu profundo admirador, e confiou-lhe a publicação de sua maior obra *A Utopia*, em 1516. Estando em meio a uma intensa vida diplomática tornando-se, de acordo com Nasseti (2005, p. 116), membro do parlamento, em 1504. Foi escolhido para o cargo de chanceler, quando se opôs ao divórcio de Henrique VIII, apesar de apresentar, como diz Nasseti (2005, p. 115), um caráter tolerante em se tratando da religião, como expresso em seu livro.

³ Faz-se necessário mencionar que o gênero literário vem evoluindo como o passar do tempo e no período do Renascimento literatura era conhecida conforme Souto (2011, p. 111) como possuidora de “um caráter solene, pois caberia a ela, em sua materialidade primeira e essencial [...] interpenetrar-se infinitamente com o mundo. [...] As palavras eram coisas a decifrar, todas as coisas passavam também por ser, de certa forma, linguagem.” Ou seja, antes os textos eram recheados de termos incompreensíveis pelo leitor. Porém, após o século XVIII a literatura passou a ter uma função discursiva, pois de acordo com Souto (2011, p. 113) “caberá ao sujeito por um ato cognitivo conferir ao signo seu estatuto de signo, o que fará com base numa hermenêutica.” Sendo que agora os textos são voltados para o público leitor que tem condições de compreender o discurso.

Niccolò Machiavelli, popularmente conhecido como Nicolau Maquiavel, autor de *O Príncipe*, nasceu em Florença, na Itália, no ano de 1469, cidade onde se envolveu na política, ocupando ao longo de sua vida, segundo Nassetti (2005, p. 184) os cargos de secretário da República, chanceler e magistrado. Situação que, contribuiu para seu amplo conhecimento da política, pois a Itália encontrava-se conforme Bellozo (s/d, p. 2) com grande instabilidade, passando por constantes alternâncias de poder. Além disso, realizava muitas viagens e missões a diversas regiões, propiciando contato com outros governantes. Mas, Bellozo (s/d, p. 3) relata que, em 1513, Maquiavel foi demitido, preso e torturado, durante o governo dos Médici, sendo exilado em São Casciano. Foi naquele mesmo ano que escreveu sua obra mais celebre, *O Príncipe*, na tentativa de retomar o poder que lhe foi tirado.

Fazendo uma análise da apresentação das referidas obras, constata-se que o *Elogio da Loucura*, de Erasmo apresenta uma estrutura diferenciada não contendo divisão de capítulos, não apresentando títulos, índice ou prefácio, comuns em obras literárias, pois, segundo aponta Paviani (2003, p. 553):

Título, índice, prefácio, tudo isso que parece algo absolutamente abstrato, objetivo, denotativo, na realidade são recursos de entrelaçamento do texto com o autor e o leitor. Por mais que o texto filosófico exija autonomia, há algo nele do autor, um trabalho de convicção e não apenas um distanciamento lógico.

A obra apresenta traços filosóficos, que, de acordo com Paviani (2003, p. 552), contém as seguintes características: tornar o texto mais imparcial e desafiar a visão crítica do leitor; características que estavam surgindo no Renascimento, quando os autores, principalmente os Humanistas estavam se posicionando sobre determinados assuntos, fossem eles sociais, culturais ou científicos.

Em se tratando do *Elogio da Loucura* pode-se perceber que a obra auxiliou na sistematização de características para uma abordagem histórico-crítica do passado, especialmente nos estudos dos padres da Igreja e nos aspectos sociais do período. Com efeito, Erasmo fez uso da sátira censurando pontos com os quais, não concordava. Segundo Lins (1967, p. 180) tais pontos são: “indulgências, relíquias, adoração dos santos, abusos do alto clero, intermináveis disputas teológicas, ciúmes entre as ordens monásticas.” Assuntos nos quais, o autor estava bem inteirado, devido à sua formação e vida religiosa. Pois, de acordo com Martins (2005, p. 124), ele estivera em constante contato com a ordem dos agostinianos e se baseava nesta, para falar de modo geral sobre o cotidiano dos religiosos. Porém, esta obra faz da loucura, uma maneira de pensar o período em que, estava vivendo e alertar à Igreja para a necessidade de adequação à nova realidade.

Já *A Utopia* transporta o leitor para diversos mundos, não deixando de lado a realidade sobre a qual, se baseia para escrever, conforme relata Pinski e Luca (2009, p. 67) “toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem.”

Logo, Thomas More descreve, conforme Nassetti (2005, p. 121), sua ilha de Utopia como “um lugar em que a sabedoria e a felicidade do povo decorrem de um sistema social, legal e político perfeito, guiado pela razão.” Mas, para dar certo, More aponta como fator principal algumas mudanças na organização política, dentre estas, Nassetti (2005, p. 119) cita: a regulamentação de um regime democrático, com um sistema completo de eleição dos magistrados não permitindo abusos de autoridade e evitando os desequilíbrios sociais, para garantir a igualdade na população. Afinal, através desse sistema de sociedade imaginária, More poderia criticar a sociedade inglesa e européia sem maiores problemas de ser censurado.

Agora, em relação a *O Príncipe*, esta obra é considerada, além de literária, uma obra filosófica e política, como destaca Cortina (1995, p. 98) “assenta-se sobre uma base temática, valendo-se de modo de organização dissertativo de seu discurso para argumentar seus pontos de vista.” Pois Maquiavel, em seu texto, tenta manipular o destinatário – Lorenzo de Médici, para o qual o livro é dedicado – em prol de um ideal que deveria ser aceito por ele. Característica esta que torna *O Príncipe* uma produção filosófica do Renascimento, sendo considerado um manual que visa uma construção do saber em torno de *O Príncipe*. Também, adquire caráter político, quando se constata a vontade de Maquiavel de ver uma Itália unificada. Atribuindo para isso, modelos práticos de príncipe, em seu livro, conforme Cortina (1995, p. 93), “corresponde a um ‘manual de instruções para a conquista e manutenção do poder de um príncipe’ e, como tal, constrói-se por meio de uma estrutura característica desse tipo de discurso.” Considerando que, no período em que a obra foi produzida, século XVI, esse tipo de discurso retórico que expressa o ponto de vista do autor sobre um determinado assunto, estava no seu auge, permeando diversas obras do Renascimento.

Convém mencionar, que optei ordenar estas obras pela ligação apresentadas entre si. Observando, ainda que, a obra *A Utopia* de Thomas More e *O Príncipe* de Maquiavel, são obras que abordam divisões de capítulos e todos os itens que costumam compor uma obra. Porém, no livro *A Utopia*, o autor utiliza da ficção para descrever um mundo ideal, ou seja, o imaginário de uma ilha. Enquanto que, em *O Príncipe* o autor se embasa em acontecimentos reais, relatando e ao mesmo tempo mostrando um modelo de comportamento para se atingir o poder com eficácia, sem se importar com as questões morais.

Em se tratando de relacionar, a obra *O Príncipe* com o *Elogio da Loucura*, percebe-se que não estão muito ligadas, no entanto, são consideradas obras polêmicas do período do Renascimento, possuindo cada uma um tema e uma localidade específica, comungando de um mesmo ideal de renovação ideológica.

Neste sentido, as referidas obras apresentam muitos pontos a se pensar no período do Renascimento, por meio de temáticas como: política e religião, através das quais expõem seu desejo de mudança no pensamento reinante, proporcionando uma tomada de consciência na população. Assim, foi planejado executar oficinas sobre o Renascimento, voltadas para alunos do primeiro ano do Ensino Médio, a fim de estimular a capacidade de interpretação dos mesmos, juntamente, com sua percepção de tempo e espaço.

Estas oficinas foram executadas em Ipameri-GO, uma cidade situada no interior, mais precisamente no sudeste do estado de Goiás, no Brasil. Realizada no Colégio Estadual Monsenhor Domingues Pinto e Figueiredo localizado em um bairro pobre, afastado do centro da cidade. Seu público é em sua maioria de alunos da região, ou seja, que possuem condições de vida precária. Esta escola contém o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. Um colégio bem equipado para atender todas as necessidades dos alunos, pois, este possui: sala de informática, sala de vídeo, cozinha, biblioteca, quadra de esportes, sala dos professores, secretaria, sala de coordenação pedagógica, banheiro para os alunos e banheiro para os funcionários, salas de aula e um pátio bem amplo. Todas as instalações estão em perfeito estado de conservação, com exceção de algumas salas de aula, que estão depredadas igualmente a algumas carteiras. Ainda encontra-se neste colégio aparelhos eletrônicos de alto nível como: computadores, data-show, televisão digital e máquinas da Xerox, entre outros.

Além disso, este colégio, conta com uma excelente equipe gestora para o desempenho das funções, empregando profissionais habilitados e capacitados, que nem sempre moram perto da escola, situando-se pela cidade inteira. O colégio apresenta ainda uma atmosfera geral de liderança, ordem, disciplina, segurança e compromisso de todos que lá trabalham, sendo um ambiente propício à aprendizagem, funcionando nos dois turnos: matutino e vespertino e oferecendo uma turma para cada série. Lembrando, porém, que o Ensino Médio funciona apenas no período matutino.

2.2 Descrição detalhada dos procedimentos

Em se tratando de procedimentos metodológicos, estes podem ser considerados como portadores de um conjunto de regras e métodos para se alcançar um determinado objetivo. Partindo disso, planejei as oficinas a serem aplicadas na disciplina de História, voltadas para

os alunos do primeiro ano do Ensino Médio, série na qual se estuda este tema. Vale ressaltar que a maioria dos alunos desta série tem idade maior que 15 anos, com alguns de baixa renda e que, nesta etapa da vida utiliza o período em que não está na escola para auxiliar em casa de alguma forma, seja nos afazeres domésticos ou trabalhando para ajudar os pais na renda familiar. O que lhes proporciona experiência de vida e um pouco de maturidade necessária, para compreender a linguagem dos referidos documentos.

Dessa forma, as oficinas foram planejadas junto à coordenação da escola e à professora responsável pela disciplina, da seguinte maneira: uma primeira aula expositiva de 50 minutos, para verificar previamente o conhecimento dos alunos. Considerando que, no planejamento das oficinas, cogitei utilizar o livro *Conexões com a História*, de Alexandre Alves e Letícia Fagundes de Oliveira, material empregado no ano de 2014, fornecido pelo colégio aos alunos e que apresenta no capítulo 10 “A civilização do Renascimento”. Tema abordado nesta pesquisa, subdividindo-se em três pontos principais, sendo: O Humanismo e o Renascimento Cultural; A expansão marítima européia; e, por último, Reformas Religiosas. O livro aborda muito bem os preceitos Humanistas, a tomada de consciência, a visão de homem, a vida na corte e a arte renascentista, juntamente com o mecenato e as inovações científicas. Porém, não faz nenhuma menção às grandes produções literárias e seus autores. Destacando apenas, os grandes feitos de Leonardo da Vinci, intelectual considerado modelo de indivíduo completo.

Posteriormente, para as próximas três aulas, planejei apresentar em cada uma, a “Introdução” de cada uma das obras mencionadas anteriormente, juntamente com a solicitação da produção de um texto, pelos alunos sobre as mesmas. Em uma aula seguinte, programei encerrar as oficinas, recapitulando e interligando as obras com o Renascimento e o cotidiano dos alunos, para que construíssem textos. Estes deveriam demonstrar, o que foi aprendido ao longo das oficinas.

Estes mesmos textos produzidos pelos alunos seriam utilizados como material de análise, para esta pesquisa, com a finalidade de averiguar a importância desta proposta, para o processo de ensino e aprendizagem. Com isso, obteria um panorama minucioso da importância do uso de fontes literárias, para se aprender história, relacionando a teoria com a prática (oficinas). A aplicação destas oficinas é um item necessário para a minha pesquisa acadêmica.

Retornando ao Colégio no ano seguinte, em 2015, observei que o livro didático citado anteriormente, no planejamento das oficinas, havia sido substituído, pelo livro *História Sociedade & Cidadania* de Alfredo Boulos Junior (2013), no início de 2015 de forma

inesperada, pois, a professora em exercício desta disciplina, fez o pedido de livros novos ao governo do estado, mas os mesmos não chegaram como esperado, no início de 2014, vindo a chegar somente no início de 2015. Dessa maneira, as oficinas foram alteradas de forma que se utilizasse o livro novo. Porém, ao analisá-lo pude notar que no livro oferecido pela escola, para a turma de primeiro ano, não consta o conteúdo do Renascimento, aparecendo apenas na edição do segundo ano. Quando este fato ocorre acontece alguns transtornos, pois o professor da disciplina tem que buscar material de apoio extra para aplicar o conteúdo para os alunos. Observando que este conteúdo tem que ser ministrado no terceiro bimestre, como consta na grade de conteúdo programático que o professor recebe do governo Estadual e deve aplicar ao longo do ano.

Para completar, a quantidade de livros era insuficiente para a sala, então, a coordenação optou por colocar todos os livros didáticos na biblioteca para que fique à disposição dos professores que necessitassem utilizá-los em sala de aula. Assim, a alternativa para resolver o problema da falta de material na primeira oficina foi; utilizar o conteúdo do livro didático do segundo ano, com os alunos do primeiro ano, durante a oficina, para que pudessem compreender o conteúdo.

Mesmo com estes transtornos, realizaram-se as oficinas. Sequencialmente, adentrando à realização das mesmas. Introduzindo-as, houve **uma primeira aula expositiva** de 50 minutos, na qual a professora titular da disciplina apresentou a temática aos alunos e lhes explicou como ocorreriam as oficinas, acrescentando que valeria nota para a disciplina de história; portanto os alunos deveriam fazer todos os trabalhos solicitados. Depois, se deu continuidade a estes trabalhos, considerando o transtorno em pedir que alguns alunos buscassem os novos livros didáticos na biblioteca da escola, motivo pelo qual, atrasamos ainda mais o início da aula. Mas, apenas nesta aula se utilizou o livro didático.

Enquanto isso, comecei a passar no quadro um resumo do conteúdo (Cfr. Anexo 1), porque, ao tomar conhecimento que os alunos não levavam o livro didático para casa nem mesmo em dia de prova, viu-se a necessidade de tal procedimento. O referido resumo, serviu como material de consulta para auxiliar os alunos no decorrer das oficinas. Bem como, para que, os mesmos, tivessem condições de estudar para a prova, posteriormente. Neste resumo, foram descritas as características do Renascimento, tais como: Racionalismo, Antropocentrismo, Hedonismo, Retorno à antiguidade clássica, Ascensão da burguesia e Uma nova concepção de tempo. Tomando por base o conteúdo exposto pelo livro *didático História Sociedade & Cidadania* de Alfredo Boulos Junior (2013), do 2º ano.

Pode-se observar, neste livro, que no capítulo 1, intitulado “Renascimento e Reformas Religiosas” o autor apresenta este conteúdo abordando num momento inicial o histórico do Renascimento, juntamente com suas características, com um breve resumo do movimento Humanista, e só mais a frente retrata os principais artistas, começando com os grandes representantes da Itália. O autor do livro cita: Dante Alighieri, Giovanni Boccaccio, Nicolau Maquiavel, Sandro Botticelli, Leonardo da Vinci, Michelangelo Buonarrotti e Rafael Sanzio. Ainda, continua citando os artistas que estão espalhados pelos demais países da Europa; sendo na Holanda: Erasmo de Rotterdam e Pieter Bruegel. Na Inglaterra: Thomas Morus, Francis Bacon e William Shakespeare. Em Portugal: Gil Vicente e Luis Vaz de Camões. Na Espanha: Miguel de Cervantes e Domenico Theotokopoulos (El Greco). Na Alemanha e França: Albert Durer e François Rabelais. Retrata, também, o cientificismo, descrevendo os principais autores, com seus grandes feitos como: Nicolau Copérnico, Giordano Bruno, Galileu Galilei e Andreas Vesalius. Em seguida, parte para descrição da Reforma protestante apresentando seus motivos, dentre os quais cita: o enriquecimento da Igreja, a venda de Relíquias e de Indulgências. Relaciona os principais países em que a reforma ocorreu mencionando os pontos mais importantes de cada movimento, sendo, em Praga: John Huss. Na Inglaterra: John Wycliffe e Henrique VIII (anglicanismo). Na Alemanha: Martinho Lutero (Luteranismo). Na Suíça: João Calvino (Calvinismo). Dentro do mesmo capítulo cita também a contra-reforma falando da ordem dos jesuítas e do concílio de Trento, encerrando com a Inquisição.

Entretanto, devido à alteração do livro didático, foi necessário adaptar o conteúdo apresentado aos alunos, focando nas características do Renascimento, bem como, do humanismo. Tudo isso, com a intenção de suprir as deficiências do material, constatando que apresenta o conteúdo de forma resumida abordando o movimento humanista, apenas como um movimento intelectual que rompeu com as ideias impostas pela Igreja, sem retratar seus pontos principais. Dessa forma, as oficinas foram importantes para sanar com a prática esta questão. Através do uso de fontes filosófico/literárias os alunos puderam perceber como apareceram em cada uma das obras os pontos do Renascimento e do Humanismo.

Após passar o resumo no quadro, distribuí o livro aos alunos e fiz a explicação do conteúdo, com o auxílio do livro didático, tirando todas as dúvidas que foram surgindo. Como se tratava do segundo horário, os alunos participaram da aula, se interessando no conteúdo; porém, alguns alunos, ao longo da aula, ficaram desinquietos, querendo sair da sala, porque nesta turma há alguns alunos desmotivados com os estudos e não tinham interesse em fazer nada, ficando fora da sala de aula à maior parte do tempo.

Problemas à parte, analisando de maneira geral, a aula fluiu bem, obtendo-se um bom desempenho dos alunos, que, geralmente não tinham o costume de questionar nada e nem participar; ocorreu um debate interessante. Afinal, a maioria dos alunos era evangélica e ao falar de religião se envolveram no assunto, questionando as mudanças ocorridas no período do Renascimento, trazendo para os dias atuais, muitos constataram que estavam vivendo da mesma forma, tomando tudo o que a sua Igreja fala como verdade absoluta.

Nas aulas seguintes, apresentei às fontes literárias mencionadas anteriormente, observando que são três e foi abordada cada uma em uma aula específica, de 50 minutos, devido à complexidade das mesmas. Por isso, usei apenas parte das referidas fontes literárias, devido a estas serem muito extensas e densas. Utilizei a “introdução” de cada uma das obras, considerando que possuem um conteúdo muito rico e expressam muito bem a forma de escrita desses autores, o que considerei suficiente para que os alunos compreendessem os valores que perpassam a cultura Renascentista, como a sociedade, a política, a religião, etc., que estão contidos nas respectivas fontes. Em uma análise prévia, constatei que elas podem ser referência do período e com uma imensidão de “ganchos”, para ligar os acontecimentos do passado com os do presente. Observação feita, previamente, devido a uma análise minuciosa de cada “introdução” para poder ser debatida em sala de aula, como parte deste projeto.

A segunda aula/oficina ocorreu no sexto horário; entre (11:25 à 12:15hs); aula em que, metade dos alunos haviam ido embora mais cedo, porém, foi avisado aos alunos restantes que, mesmo assim, haveria trabalho valendo nota e que eles avisassem isto aos colegas faltosos. Houve muitos protestos, mas realizaram o que foi solicitado. Nesta aula, adentramos na “introdução” da obra *Elogio da Loucura* (Cfr. Anexo 2.), da qual foi entregue uma cópia aos alunos, que consta de três páginas. Nesta introdução, o autor apresenta uma carta endereçada a seu amigo Thomas More, intitulada: “Erasmus a Thomas More, saúde”. Texto no qual pode se perceber a forma de escrita do referido autor deixando bem claro suas reais intenções, que era fazer denúncia as ações da Igreja.

Em seguida, passei um resumo no quadro para os alunos, fazendo a crítica externa da obra (Cfr. Anexo 3), porque primeiramente, foi necessária uma intervenção expondo uma apresentação geral da obra, para uma melhor compreensão do assunto pelos alunos. Em um segundo momento, pedi-lhes que elaborassem um texto abordando quais as intenções do autor ao produzir a obra, além da questão religiosa, e a repercussão desta obra, fazendo uma ligação com o conteúdo do Renascimento, explicado na aula anterior, os quais podem ser vistos no anexo 4, (Cfr. Anexo 4).

Porém, muitos alunos protestaram não querendo escrever; houve a necessidade de utilizar o método da cobrança para que todos entregassem a atividade solicitada. Mesmo com todos os meandros e argumentos, alguns alunos não se importaram em ficar sem nota, nem com a reprovação iminente e não entregaram a atividade, estavam mais preocupados com o horário de almoço, que seria curto se não saíssem mais cedo da escola, porque devido a muitos desses alunos trabalharem no período vespertino, têm pouco tempo para almoçar.

A terceira aula/oficina ocorreu no segundo horário, entre (7:50 à 8:40hs), momento em que a maioria dos alunos ainda estão dispostos a participarem da aula. Foi avisado que haveria outro trabalho avaliativo, então, os alunos logo se prontificaram a fazer o que lhes foi solicitado, permanecendo mais em sala de aula, sem pedirem para sair. Nesta aula, foi utilizada a “introdução” do livro *A Utopia* (Cfr. Anexo 5), a qual consta de duas páginas, apresentando as ideias principais do autor.

Como nas demais aulas, passei um resumo no quadro, fazendo a crítica externa da obra (Cfr. Anexo 6), seguido de uma explanação, contextualizando a obra e o autor. Os alunos ficaram curiosos com o nome *Utopia* e questionaram sobre seu conceito, o qual lhes era desconhecido. Por isso, a aula girou em torno deste conceito, quando fez-se um contraponto com a sociedade atual, analisando questões do cotidiano destes alunos, como família e matrimônio.

Após a discussão em sala de aula, em um segundo momento, os alunos produziram um texto sobre o conceito de *Utopia*, que era novo para eles, descrevendo em que consistia este mundo utópico de More, comparando o conteúdo do texto que tinham em mãos com a sociedade atual, apontando o que existe nos dias de hoje (Cfr. Anexo 7). Nesta produção, obtiveram meu auxílio através de exemplos.

A quarta aula/oficina ocorreu no quarto horário, entre (9:45 à 10:35). Nesta aula o conteúdo foi a obra *O Príncipe*. Como nas demais, foi entregue, uma cópia aos alunos da “introdução” (Cfr. Anexo 8), que tem o total de duas páginas, denominada: “Ao Magnífico Lorenzo, filho de Pietro de Médicis”, primeiramente discorri a respeito da obra como um todo; mostrando que Maquiavel, em seu texto, tenta manipular o destinatário – Lorenzo de Médici, para o qual o livro foi dedicado – em prol de um ideal que deveria ser aceito por ele.

Ainda, semelhante às outras aulas, passei um resumo no quadro fazendo a crítica externa da obra, bem como suas ideias principais (Cfr. Anexo 9). Depois, fiz a explanação do assunto, entretanto, os alunos ficaram indignados quando foram expostas as ideias de Maquiavel e quase que imediatamente fizeram uma analogia com os políticos dos dias atuais, que sempre manipulam seu eleitorado.

Após os comentários relevantes, sobre o assunto, foi proposto que colocasse tudo isso no papel e elaborasse um texto, fazendo um contraponto das ideias do autor, abrangendo a questão política exposta na introdução que tinham com os dias atuais, analisando se ainda existe esse tipo de pensamento (Cfr. Anexo 10). Os alunos participaram bem e cumpriram com o esperado.

A oficina ainda contou com **uma quinta e última aula** para recapitular e comparar as semelhanças ideológicas das fontes literárias. Esta aula ocorreu no sexto horário, entre (11:25 à 12:15hs), que não é muito produtivo na turma, sendo necessário a argumentação da cobrança de nota para controlar a turma que não fica em sala de aula.

Nesta referida aula, houve bastante protestos por parte dos alunos ao saberem que havia a produção de um quarto e último texto, (Cfr. Anexo 11). Nesta aula ao contrario das outras, não passei o resumo no quadro, os alunos contavam apenas com o conteúdo que tinham no caderno, para empregarem na produção do texto. Mas, por ser o último horário, entre (11:25 à 12:15hs), eles se encontravam cansados e mais preocupados com o término desta, do que a proposta e seus benefícios.

Pedi para que elaborassem um texto retratando o que eles apreenderam com as fontes literárias abordadas e interligando os textos citados, trazendo-os para a sua realidade. A maioria da turma não se lembrava das ideias principais de cada obra. No entanto, ao fazer uma breve explanação do conteúdo de cada obra estes alunos recordaram o que haviam elaborado nas aulas anteriores. Além do mais, foi sugerido que usasse os resumos, que haviam copiado no caderno, como base para escrever os seus textos.

Ainda nesta última aula, foi feito um balanço de quantos alunos fizeram todos os trabalhos, pois, nem todos estavam em todas as aulas. Como demonstra a **Tabela 1:**

Tabela 1: Relação da quantidade de alunos que entregaram a atividade sugerida em cada aula ministrada:

Entrega de textos					
Aluno	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Total
1	X	X	X	-	3
2	X	X	X	X	4
3	X	X	X	X	4
4	X	X	-	-	2
5	X	X	X	-	3
6	X	X	X	-	3
7	X	-	X	-	2
8	X	-	X	X	3
9	X	X	-	-	2
10	-	X	-	-	1
11	-	-	X	-	1
12	-	-	-	X	1
13	-	-	-	X	1
14	-	-	-	X	1
15	-	-	-	X	1
Total entrega	9	8	8	7	32
Total não entrega	6	7	7	8	28

Espaços que possuem (X) correspondem a atividades entregues. Espaços que possuem (-) correspondem a atividades não entregues

Conforme se pode perceber na Tabela 1, acima, o total de alunos na turma é de 15 integrantes. Considerando que tiveram alunos que não se empenharam na pesquisa; mas, em contrapartida, houve alguns destes que se interessaram bastante e foram bem participativos. Assim, todos os textos produzidos pelos alunos foram analisados e avaliados por mim e pela professora (efetiva da classe) – trabalho este que foi realizado em conjunto com a referida professora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando as oficinas realizadas, o material produzido e coletado, nestas, constata-se que este material didático, por excelência, nas escolas, é o livro didático, que é um material pedagógico específico para os alunos e o instrumento de trabalho imprescindível para os professores ao ministrarem suas aulas. O livro didático tornou-se, de acordo com Fonseca

(2003, p. 52), “em sintonia com os currículos, [...] o canal privilegiado para a difusão de determinados saberes históricos.” É muito utilizado como norteador do conhecimento didático dos alunos, tendo como funções, segundo Bittencourt: (2011, p. 307) “avaliar a aquisição dos saberes e competências; oferecer uma documentação completa proveniente de suportes diferentes; facilitar aos alunos a apropriação de certos métodos que possam ser usados em outras situações e em outros contextos.”

Dessa forma, surgem vários estudos sobre o conteúdo contido no livro didático, os quais geram muitas críticas a esse respeito, como relata Bittencourt (2011, p. 300): “apontam para muitas de suas deficiências de conteúdo, suas lacunas e erros conceituais ou informativos.” Dando a ideia de que não existe um livro didático ideal que seja capaz de solucionar todos os problemas enfrentados pelo professor em sala de aula.

Considerando que apesar do livro didático ser um importante recurso na vida do aluno, este apresenta muitos problemas, devido à existência de várias políticas envolvidas na sua construção, deixando seu conteúdo tendencioso e abordando a visão de quem o escreveu. Partindo desse pressuposto, Fonseca (2003, p. 56) argumenta que: “O exercício da crítica é nossa principal ferramenta nas lutas cotidianas pela (re)construção da história.” Sendo necessária uma formação continuada do professor para se tornar um importante mediador, aparando as arestas entre o conhecimento exposto pelo livro didático e o conteúdo em si, de forma que direcione o conhecimento dos alunos para a meta geral do ensino de história, que é a formação de alunos conscientes do seu papel na sociedade.

Por exemplo, no caso do livro didático de Boulos Junior (2013), aqui analisado, percebi que este apresenta problema quanto à exposição do conteúdo. Por fazê-la de maneira muito resumida, abordando superficialmente duas temáticas complexas que são o Renascimento e a Reforma Protestante. Mas, este problema pode ser sanado com as oficinas, bem como o contraponto do conteúdo com a realidade dos alunos que fica a cargo do professor, para que este estimule nos alunos o gosto pela disciplina, conforme relata Leal (2011, p. 8) “o professor seria capaz de promover debates acerca de um determinado conteúdo histórico que se aproximassem da realidade dos alunos, gerando interesse e facilitando a produção de sentido por parte dos mesmos.”

3.1 A desmotivação dos alunos

Em se tratando da motivação dos alunos em sala de aula Bzuneck, Guimarães, Burochovitch (apud CAVENAGHI, BZUNECK, 2009, p. 1479) menciona que o desinteresse dos alunos, com relação ao ensino de uma forma geral tem ocasionado “estudantes

desmotivados pelas tarefas escolares [que] apresentam desempenho abaixo de suas reais potencialidades, distraem-se facilmente, não participam das aulas, estudam pouco ou nada e se distanciam do processo de aprendizagem.” Tornando-se maus alunos, item que pode ser observado em alguns alunos da turma de 1º ano, que este estudo se propôs a analisar, onde se encontrou um grande desinteresse; a começar, constatado pela demora de se obter o termo de autorização para realização da oficina, assinado por eles e seus responsáveis.

Por conseguinte, ultrapassado esses percalços, ainda se constatou que havia alunos não motivados durante as aulas, se recusando a participar e ainda dizendo como a aula era chata e sem graça. Em uma melhor análise da situação, considera-se que existem alguns fatores que levam o aluno a demonstrar desinteresse nas aulas, dentre estes encontram-se o ambiente familiar, que influencia diretamente, prejudicando a capacidade de aprendizado da criança ou adolescente. Como cita Raasch (s/d, p. 5) “muitos trazem de casa o reflexo do mau relacionamento dos pais, falta de condições dignas de vida, reflexos da crise econômica e obviamente a falta de amor.” Fatores que levam o aluno a não despertar o interesse pela escola, nem tão pouco pelos estudos. Em contra partida, um bom apoio familiar permite que os alunos possam compartilhar suas experiências escolares, bem como obter auxílio em momentos de dificuldades, não se sentindo desamparados, acarretando em um bom desenvolvimento pessoal e escolar do indivíduo.

Infelizmente, muitos desses alunos, integrantes desta pesquisa, não têm apoio e incentivo no ambiente familiar fazendo com que se sintam, de acordo com Leão (s/d, p. 131), como pessoas “rejeitadas pelos membros da sociedade e estão socialmente isoladas. [...] Negligenciam o asseio pessoal e as rotinas diárias. E parecem sem rumo e apáticos.” Além disso, são deixados de lado pelos responsáveis, que nem se interessam em ir à escola para saber do desenvolvimento de seu filho, não comparecendo nem mesmo quando são chamados para buscar o boletim escolar. Dificultando ainda mais o interesse e gosto pelos estudos, bem como pelas atividades promovidas pela escola.

Outro fator que contribui com a desmotivação dos alunos é o ambiente escolar que não está isento do processo de ensino/aprendizagem interferindo de forma positiva ou negativa. A esse respeito Cavenaghi, Bzuneck (2009, p. 1485) menciona alguns itens que devem ser evitados para não acontecer a desmotivação dos alunos, tais como:

ênfase nas notas, o clima competitivo, a formação de grupos homogêneos por capacidade, as excessivas regras, a valorização da capacidade relativa, as poucas oportunidades de escolhas, as atividades desinteressantes e pouco desafiadoras, a relação mais impessoal entre professor e aluno e as rígidas formas de avaliação.

Voltando se de forma mais ampla para o Colégio, onde se realizou as oficinas, percebe-se que não há como fugir de alguns desses itens citados anteriormente, devido ao nível de alunos frequentadores da instituição de ensino – bem desafiadores – o que desmotiva diversos alunos, como os do 1º ano que sempre estão protestando contra ações que consideram injustiça para com eles.

Mas, ao nos referirmos à motivação dos alunos nas aulas de história, constatamos que existem dois tipos de motivação: intrínseca e extrínseca. As quais podem ser definidas, de acordo com Leão (s/d, p. 121), da seguinte maneira:

[a intrínseca] como tendência natural do indivíduo, no qual ele executa tal atividade por considerá-la atraente, [a extrínseca] como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo a tarefa, como a obtenção de recompensas externas, materiais ou sociais, em geral, com a finalidade de atender solicitações ou pressões de outras pessoas ou de demonstrar competências e habilidades.

Analisando que, ao longo das oficinas constatou-se, o emprego da motivação extrínseca, porque os alunos só produziram mediante a interferência da professora e com o incentivo de nota, não ficando apenas na ameaça. As produções de textos dos alunos, durante as oficinas, valeram parte da nota mensal na disciplina de história.

Apenas com este recurso conseguiu-se um pouco de atenção e participação durante as oficinas, que começaram bem tímidas, com pouca contribuição, para depois, os alunos se interessarem, reagindo às imposições e cobranças, ou seja, parafraseando Cavenaghi, Bzuneck (2009, p. 1484) os alunos acreditavam que se envolvendo nas atividades propostas iriam conseguir os resultados almejados como: boas notas, evitando o fracasso que gera desapontamento e humilhação. Assim sendo, houve alunos que se empenharam nas oficinas, mas alguns alunos só fizeram a atividade para obter a nota, cumprindo meramente com as exigências impostas pela escola, não tendo prazer no processo de ensino/aprendizagem. Fazendo deste sistema de cobrança uma forma de motivação e reação da turma, porque como menciona Avelar (2015, p. 83) “os professores tradicionais usaram como incentivo as notas, os prêmios, os castigos, os elogios e a censura.” Constatando, então, que através da utilização de alternativas tradicionais os professores conseguiam algum êxito com as atividades aplicadas em sala.

3.2 O papel do professor no processo de motivação dos alunos

Considerando que a motivação nos alunos por si só não é suficiente, com a necessidade de ser complementada, como descreve Cavenaghi, Bzuneck (2009, p. 1486),

“com o conhecimento e uso de estratégias adequadas de aprendizagem ou métodos eficazes de estudo, que por sua vez supõem uma motivação específica para se desenvolverem,” com a finalidade de levar os alunos a obterem um ensino de qualidade.

Uma dessas medidas é a utilização de diversos métodos pelo professor para complementar o ensino, transformando alunos desinteressados em pessoas motivadas diante de atividades escolares, para que extraia do processo de ensino/aprendizagem o conhecimento que levarão para as suas vidas. A esse respeito, Avelar (2015, p. 82) adverte que:

Depende de vários fatores, como a inteligência, motivação, maturidade, percepção etc. É importante que o professor entenda que ele não é apenas aquele que ensina, mas sim aquele que proporciona ao seu aluno condições de adquirir conhecimentos tornando-os capazes de intervir na realidade em todas as áreas da vida.

Por isso, o papel pedagógico do professor em sala de aula é de estimular esse aluno desmotivado para que ele tenha interesse e gosto pela aula. Dessa maneira no decorrer da pesquisa constata-se que a referida professora titular da turma é bem tradicionalista no quesito nota. Entretanto, utilizando, em sua prática pedagógica, dentro de sala de aula, metodologias novas para o ensino de História, trazendo constantemente coisas diferentes para os alunos. Tomando o devido cuidado para não fazer uso de uma fonte ou documento incorretamente, porque ao invés de auxiliar, poderia desmotivar ainda mais os alunos. A esse respeito Bittencourt (2011, p. 330) se refere que “A má seleção deles [documentos] compromete os objetivos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão podem criar uma rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material.” Sendo necessário que o professor observe o momento adequado da inserção destas fontes.

Em contra partida, a referida professora não se deixa cair, como alguns professores, no desânimo com a profissão, pois a motivação do docente implica diretamente na motivação do aluno. A esse respeito, Avelar (2015, p. 79) nos conta que “professores motivados se sentem mais competentes autoconfiantes e com a auto-estima elevada.” Influenciando no desempenho de sua prática pedagógica. O sistema desta professora “autoritária” que permeou a pesquisa funciona e tem dado tão certo, de maneira que ela move toda a escola em prol de suas atividades.

Observando que, a referida professora pode ser considerada uma líder dentro da escola, pois de acordo com Furtado (s/d, p. 1) “uma liderança legítima atende a três condições básicas e essenciais: Desafia os processos; possui as competências técnicas necessárias; acredita que é possível.” Qualidades que esta professora a que me refiro desenvolve quase que naturalmente não ficando parada diante do processo de ensino. Mas, em relação à sala de aula

ela exerce seu poder perante os alunos, fator que Furtado (s/d, p. 1) descreve como “a capacidade de um agente produzir determinados efeitos, sendo uma decorrência da relação social entre indivíduos, grupos ou organizações onde uma das partes controla a outra.” Constatando que a professora controla os alunos com total segurança para que eles cheguem ao resultado esperado, ou seja, cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade.

No entanto, ao analisar os alunos da turma do 1º ano, observa-se ainda que a referida professora enfrenta diariamente uma árdua tarefa, pois como menciona Ribeiro e Polonial (2009, p. 4) “é estar diante de jovens inquietos, indisciplinados, chegando a ser até violentos e, muitas vezes, com graves deficiências oriundas do ensino fundamental.” Porém, mesmo com esses meandros, a professora titular, citada a cima, juntamente com a direção da escola tenta superar todas essas adversidades e deficiências, a fim de proporcionar meios para que seus alunos consigam serem cidadãos atuantes e não meros reprodutores de conhecimento.

Se considerarmos que o papel do professor em sala de aula não é apenas ser um mero transmissor de informações, afinal ele também faz parte da construção da proposta pedagógica da escola onde se encontra inserido. A esse respeito, Oliveira (s/d, p. 5) cita que “é importante que o professor participe das atividades da escola em conjunto com as famílias dos alunos e a comunidade.” Sendo assim, o professor ajuda a formular o perfil de indivíduos que a escola quer inserir na sociedade. Considerando que ele é a pessoa que fica mais tempo com o aluno dentro da escola, portanto, se torna responsável por sua formação. Sendo fundamental na construção de cidadãos que tenham possibilidades de perceber criticamente a realidade e possam utilizar o conhecimento obtido na escola para as situações do seu dia-a-dia.

Portanto, o professor em sua prática pedagógica não deve se tornar omissos diante dos fatos ocorridos ao seu redor, como também não deve entender só de sua disciplina, mas se inteirar-se da realidade em que está inserido. Ou seja, o professor tem que conhecer bem o perfil da família do aluno e o ambiente escolar para melhorar o processo de ensino/aprendizagem adequando o conteúdo à realidade do aluno.

Neste sentido, pode ser observado que a professora titular está muito bem inteirada da condição familiar em que seus alunos se encontram, porque atende a cada responsável que aparece na escola perguntando sobre o andamento escolar de seu filho. Além do mais está há muitos anos na escola, o que lhe proporciona experiência suficiente para conhecer seus alunos e seus respectivos familiares.

Estes fatores ocasionam uma boa intermediação da realidade do aluno com o conteúdo a ser ministrado, pois esta professora, durante suas aulas formula o conteúdo junto com a

turma, abrindo espaço para que os alunos interajam com ela de forma descontraída, perguntando ou expondo sua experiência sobre o assunto. Mas, esta interação professor/aluno – quero deixar claro – não deve ser confundida com falta de disciplina e ordem, na explanação do conteúdo. Sobre tal posicionamento, Lopes (s/d, p. 7) é categórico e afirma que:

a ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões.

Fato que pode ser percebido muito bem durante as oficinas com a constatação da importância da imposição de limites aos alunos que só produziram os textos porque foi mencionado que sua participação nas oficinas valeria parte da nota e isso se cumpriu. A firmeza demonstrada pela professora pode ter auxiliado os alunos a se sentirem na necessidade de acompanhar a aula e até levantar questões acerca do assunto, participando de forma mais ativa e com interesse em aprender; se envolveram com este assunto, descrevendo suas experiências em relação à religião e a política. Assegurar um mínimo de ordem é e foi fundamental, para que as discussões sobre o objeto de estudo pudessem fruir, fazendo com que o conteúdo do Renascimento fosse compreendido pelos alunos e não apenas memorizado.

Tendo assegurado as condições mínimas para que o tema possa ser discutido, o professor deve ordenar sua prática de maneira que envolva os alunos em suas atividades. Isso ocorre através dos questionamentos trazidos pelos alunos a partir dos quais o professor tem a possibilidade de apresentar seu conhecimento sobre o conteúdo didático, exercendo seu papel de mediador, relacionando os tópicos com a realidade do aluno, trazendo o gosto pela aula.

Ainda em relação ao papel pedagógico do professor, tem-se que este deve considerar que o aluno é detentor de um conhecimento prévio e este não deve ser minimizado na construção do saber. Logo, o professor tem a função de mediador do conhecimento, como relata Junckes (2013, p. 2) “é fundamental e primordial a presença da mediação do professor, pois faz com que o aluno se sinta estimulado e busque entender cada vez mais que é importante no processo de aprendizagem, sentindo necessidade de buscar e querer cada vez mais aprender a aprender.” Dessa forma, o professor utiliza o conhecimento prévio do aluno para incentivá-lo a querer conhecer mais sobre um determinado fato histórico.

Tal postura é devedora – ou ao menos guarda uma relação com – do conceito de literacia história A literacia histórica, que segundo Lee (2006, p. 149) é “um conceito [que] oferece uma agenda de pesquisas que une o trabalho passado com novas indagações.” Ou seja, em outras palavras é a junção do conhecimento histórico do passado com o

conhecimento prévio dos alunos que se transforma na construção do conhecimento em sala de aula. Assim, os alunos desenvolvem uma capacidade de compreender o mundo ao seu redor como menciona Barca (2006, p. 94) “competências avançadas para saber ‘ler’ o mundo que nos rodeia e também perspectivar de alguma forma o futuro, à luz de experiências humanas no passado.” Onde o professor proporciona muito mais do que a transmissão do conhecimento livresco aos alunos, porque ele dá-lhes possibilidade para relacionar o conteúdo com sua realidade, utilizando o conhecimento adquirido para compreenderem as ações do seu cotidiano.

Então, levando o assunto para o âmbito do conhecimento prévio adquirido pelos alunos, percebe-se que possuem diversas informações sobre o conteúdo através de diferenciados meios atualmente, mas ainda assim, é necessário que o professor os estimule, para que, conforme Barca (2006, p. 96) “aprendam, de forma gradual, a comparar e a selecionar criteriosamente narrativas e fontes divergentes sobre um determinado passado.” Formulando e aprimorando seu próprio entendimento sobre um determinado conteúdo.

As oficinas em questão proporcionaram aos alunos a oportunidade de correlacionar seu cotidiano com o conteúdo contido nas fontes filosófico/literárias. Possibilitando sua própria formulação e conclusão do conteúdo, apresentando opiniões em relação à sociedade perfeita, onde muitos acreditavam ser impossível de existir, bem como o modelo ideal de príncipe (governante ideal).

3.3 O uso de fontes literárias no ensino de história

Como foi afirmado antes, percebo que o interesse do aluno pelas aulas só ocorre quando o professor inova sua prática pedagógica aplicando diferentes abordagens dentro da sala de aula. Neste sentido, entra em cena as fontes filosófico/literárias que passaram a se fazer presentes no ensino de história como uma forma de ampliar o leque de possibilidades em direção ao imaginário e ao ficcional, trazendo, então, uma aproximação da História com a Literatura; que, conforme Pesavento (2005, p. 55) discute: “História e Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a pretensão de chegar ao real acontecido.” Em se tratando do texto literário, Pesavento (2000, p. 12) diz que “não é intenção do texto literário provar que os fatos narrados tenham acontecido concretamente, mas a narrativa comporta em si uma explicação do real e traduz uma sensibilidade diante do mundo, recuperada pelo autor.”

Considerando, a literatura é uma narrativa e serve como meio de aproximação do aluno com o passado, essa proximidade se dá através do conceito de imaginário, o qual,

entendo, que se torna um fator indispensável para se utilizar a literatura no ensino de história. Em se tratando do imaginário, Pesavento (1995, p. 24) relata que

o imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o ‘verdadeiro’ e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer.

Olhando por este ângulo, a história e a literatura estão próximas, pois as duas, de acordo com Pesavento (2005, p. 80), “explicam o presente, inventam o passado e imaginam o futuro”, através do uso de signos. Mas, para tanto, existe uma relação entre o autor e o seu contexto, entre o autor e o seu sistema cultural. Relação esta que, para Darnton (1990, p. 287), “[...] ordenam as coisas em seqüência e raciocinam dos efeitos para as causas.” Para o citado autor, até as relações econômicas e políticas não têm uma existência própria, “são mediadas por signos”. (DARNTON, 1990, p. 287)

A esse respeito, Castoriadis (1982, p. 159) tenta desconstruir a visão Marxista existente em torno do símbolo, alertando que “as instituições encontraram sua fonte no imaginário social. Este imaginário deve-se entrecruzar com o simbólico, do contrário a sociedade não teria podido sobreviver.” Assim, o que determina o acesso que temos ao passado é o imaginário e não o material, pois o material surge a partir do simbólico.

Por isso, Silva (s/d, p. 622) nos fala que o imaginário social nada mais é do que “uma instância por onde circulam os mitos, as crenças, os símbolos, as ideologias e todas as ideias e concepções que se relacionam ao modo de viver em uma coletividade.” Pois as pessoas estão ligadas a partir dos “signos”, que se baseiam na realidade para poder existir, tornando o indivíduo um ser atuante na sociedade. Considerando que o homem está constantemente em busca de significado para sua existência, o que faz com o auxílio do imaginário.

Fato que os alunos perceberam muito bem, quando analisaram as ideias imaginárias da obra *Utopia* e o modelo ideal de Príncipe; pois, ao compararem com a sociedade atual, viram que tudo não passa de ficção: essas ideias nunca saíram do papel no passado e nem vão sair nos dias de hoje. Isso pode ser conferido na redação 15, na qual se lê:

Neste livro vemos que Thomas More anseia por uma sociedade fraterna e justa, mais sempre sendo um sonho apenas uma idéia impossível. Hoje em dia podemos ver que a idéia de Thomas More é idealizada por muitos de nós querendo uma sociedade com direitos e deveres iguais (sic). (Cfr. Anexo 11)

Ainda, ao analisar o modelo de príncipe tem-se um imaginário de modelo perfeito que os alunos perceberam rapidamente, como “falso”, mas baseado na realidade, possível de um dia existir.

Baseado nisso, que imaginário é um recurso teórico-metodológico importante para ser utilizado em sala de aula, devido a facilidade de compreensão a determinados assuntos pelos alunos, aproximando-os do seu cotidiano.

A partir disto, o imaginário está ligado à ficção, proporcionando outra visão dos fatos e acontecimentos, que as sociedades passadas registraram para a memória. Um grande exemplo disso é a literatura, que pode ser considerada um documento no qual se narra fatos do passado através de ficção. Assim, entendo, que o conceito de imaginário se torna indispensável quando se utiliza a literatura como fonte histórica.

Portanto, podemos considerar a literatura como documento, porque como diz Pinski, Luca (2009, p. 24) “documento histórico é qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita.” Por isso, é o historiador quem estabelece o diálogo com o documento para interligar o passado com o presente, com ajuda da historiografia sobre o assunto, de maneira que se entenda como uma dada realidade que se constrói.

Inclusive, Le Goff (1990, p. 536) diz que “A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos.” Então, a função do historiador nada mais é do que interpretar o documento dando-lhe o seu devido valor, partindo do pressuposto de que o documento não é neutro, abordando características da época, da sociedade e as intenções de quem o produziu.

3.4 O uso de fontes filosófico/literárias para o ensino do Renascimento para alunos do Ensino Médio

O uso de fontes filosófico/literárias como documento, no ensino de história, trouxe outras oportunidades para o aluno compreender o conteúdo que lhe é transmitido, como cita Nascimento (s/d, p. 1) “trabalhar com documentos oportuniza aos alunos a possibilidade de compreender os sujeitos históricos e as realidades e formações sociais em seu devido tempo, em seu devido lugar.” Sendo que o aluno ao analisar a fonte pode compreender o conteúdo tirando suas próprias conclusões, baseado no discurso exposto. Se o professor utilizar mais de uma fonte filosófico/literária enriquece ainda mais sua oficina, proporciona ao aluno a chance

de perceber a estrutura dos discursos, como continua a descrever Nascimento (s/d, p. 1-2) “Em uma atividade didática, a qual se usa mais de um documento, [...] o aluno terá a oportunidade de ler e confrontar os discursos, analisar as semelhanças e diferenças entre eles, produzir as próprias opiniões e conclusões.” Um bom exemplo disso ocorreu, com o desenrolar das oficinas quando se fez uso de três fontes filosófico/literárias já mencionadas, para que estimulasse o aluno na interpretação do conteúdo contido nas obras, além de incentivar a comparação destas obras para um melhor entendimento sobre o Renascimento.

O uso dessas fontes não teve a intenção de mudar o conhecimento que os alunos já tinham a respeito do Renascimento e sim aproximá-lo do conteúdo ministrado, proporcionando debates a respeito do assunto e incentivando diversas interpretações para uma melhor compreensão do discurso contido nas obras.

Por conseguinte, de uma forma mais ampla, com o uso de documento, percebeu-se que os alunos interagiram mais e acendeu-se o seu conhecimento sobre o passado, tornando-lhes o ensino mais interessante. Como lembram Schmidt, Cainelli (2004, p. 93) “O documento passou a ser instrumento didático para o professor porque ajudaria a tirar o aluno de sua passividade e reduziria a distância de sua experiência e seu mundo de outros mundos e outras experiências descritas no discurso didático.” O uso de três (3) fontes literárias em sala de aula foi uma forma de estimular os alunos à uma análise histórica.

Por este lado, a educação histórica é importante, pois se preocupa com a forma em que o aluno compreende o mundo historicamente. Assim, com a intenção de analisar o conhecimento apreendido pelos alunos através do uso de fontes filosófico/literárias, que se tomou por base o viés da consciência histórica se fazendo presente, sendo que segundo Marrera e Souza (2013, p. 1070) Rusen define consciência histórica como “uma categoria que se relaciona a toda forma de pensamento histórico, através do qual os sujeitos possuem a experiência do passado e o interpretam como história.” Ou seja, todo conhecimento prévio do aluno pode ser interpretado como história, na tentativa de buscar significado para sua realidade, porque o indivíduo não está isolado no tempo, estando inserido em diversos grupos dentro de uma sociedade. Isso necessita ser compreendido pelos alunos.

Na intenção de proporcionar uma melhor compreensão do conteúdo por parte dos alunos durante as oficinas, se utilizou a consciência histórica considerando que segundo Alves (2015, p. 326-7) “Rusen, construiu uma tipologia que contém as diferentes formas de constituição de sentido à História (consciência histórica). [...] São quatro os tipos de consciência histórica. A consciência histórica tradicional [...], consciência histórica exemplar

ou modelar [...], consciência histórica crítica [...] e consciência histórica genética [...].” Pontos estes que puderam ser percebido nos alunos ao longo das oficinas.

Contando com isso, foi necessário um bom planejamento, para se fazer o uso de fontes filosófico/literárias, estabelecendo muito bem meus objetivos, para que os aluno não se dispersassem ou se sentissem desestimulados e que as tais fontes fossem um meio de facilitar a compreensão do aluno sobre o conteúdo aplicado.

Enquanto professora (historiadora), fiz a seleção das fontes desvendei o seu significado, partindo de um embasamento teórico para uma prática social, com o intuito que o ensino de historia se aproximasse do cotidiano dos alunos. Prosseguiu-se, então, com as referidas oficinas, ocasião em que ao abordar o conteúdo do Renascimento, introduzi as características do movimento, juntamente com o pensamento humanista, a fim de proporcionar um debate em sala de aula, despertando a capacidade crítica dos alunos, trazendo o assunto para a sociedade atual. Dessa forma, passando às oficinas, propriamente ditas, ao analisar minuciosamente as “introduções” das obras já mencionadas, que foram as fontes filosófico/literárias, pode se verificar qual o pensamento humanista e quais características do movimento elas apresentam, para direcionar o assunto na turma.

Percebeu-se que em *Elogio da Loucura*, Erasmo recorre à loucura para designar os estudiosos, sobretudo os membros do clero, que tinham as práticas sociais mais bizarras, naquele tempo. Para ele, é a perspicácia do humanista e do filósofo, que alerta aos demais sobre os abusos de poder da Igreja, bem como o poder de forma geral, que os mantêm submissos. Neste sentido, o aluno 14 relata na redação 14 que:

Antigamente a Igreja ditava as regras a serem seguidas e muitas vezes tinham abuso de poder por parte de alguns religiosos que cobravam regras desnecessárias aos fieis. Hoje em dia mudou muito, pois as pessoas tem um melhor conhecimento das coisas religiosas do que antigamente. Mas ainda existem em menor quantidade pessoas que seguem tudo o que os pastores falam nas igrejas como se fosse a coisa certa a fazer. Esses abusos de poder que Erasmo criticava e até hoje ainda não foi extinto (sic). (Cfr. Anexo 11)

A constatação do aluno tomou por base a explicação da referida obra, com a qual fez a ligação com os dias atuais, pois se tratava de um assunto que conhecia um pouco. Considerando, como foi dito anteriormente, que muitos desses alunos são evangélicos e já presenciaram situações como o referido relato, dentro de suas Igrejas, fator que fez com que estabelecessem uma relação durante a aula, expressando sua opinião e seu relato em vários momentos da aula.

Erasmo também endereça a carta a Thomas More como maneira de pedir sua aprovação para os assuntos que estava escrevendo. Situação que os alunos constataram ao

analisarem a introdução que lhes foi entregue. Tal percepção apareceu na redação 15, na qual o aluno escreveu: “Mas para não ser culpado e ser punido pelo que estava escrevendo, pede apoio a seu amigo Thomas More (sic).” (Cfr. Anexo 11). Percepção semelhante apareceu na redação 7 onde fala o seguinte: “em sua carta [Erasmus] usa da sátira para denunciar as coisas erradas cometidas pela Igreja Católica.” (Cfr. Anexo 4).

Além disso, os alunos apresentaram quais características do Renascimento puderam ser encontradas na introdução da obra *Elogio da Loucura*, que lhes foi entregue. Eles citaram alguns pontos denunciados por Erasmo que podem ser percebidos no seguinte trecho da redação 2: “As sátiras a igreja eram muitas mais nesse texto são citadas apenas algumas, tais como: As vendas de indulgências, abusos do alto clero, etc.” (Cfr. Anexo 4)

Mas, de um modo geral compreenderam que houve mudanças significativas no modo de pensar das pessoas, não aceitando tudo caladas. Item que puderam constatar na carta, quando Erasmo pede para que Thomas More patrocine a obra com a finalidade de não ser censurado. Como foi identificado pelo aluno 5 na redação 5 que menciona “O uso do termo ‘loucura’ na carta para acobertar seu pedido de ajuda a seu amigo Thomas More e uma forma de não ser reprimido (sic).” (Cfr. Anexo 4) De fato, Erasmo (2005, p. 11) escreveu ao amigo afirmando que: “gostarás não só de aceitar de bom grado esta minha pequena arenga, como um presente do teu bom amigo, mas também de colocá-la sob o teu patrocínio como coisa sagrada para ti e, na verdade, mais tua do que minha.” Demonstrando que o amigo é fator importante para que a obra fosse divulgada.

Assim, os alunos ao interpretar a carta de Erasmo desenvolveram sua percepção crítica em assuntos como religião, pois ao longo desta pesquisa se observou como eles compreendiam os conteúdos historicamente, podendo aplicar-lhes o que Alves (2015, p. 331) observou em seus estudos “os estudantes interpretavam fontes, explicavam e compreendiam conteúdos e conceitos históricos, criavam empatia histórica, percebiam mudanças e permanências num processo histórico, enfim, [...] operavam mentalmente a história através de suas operações mentais de rememoração, interpretação e orientação à vida.” Para que pudesse facilitar sua compreensão sobre o conteúdo de maneira que acrescentaram informações provindas do seu conhecimento prévio formulando, junto com a turma, o conhecimento histórico que levarão para suas vidas. Dentre este conhecimento prévio trouxeram exemplos de fatos ocorridos com eles no seu dia-a-dia sobre religião, os quais discutiram a partir desta obra.

Ainda analisando a produção dos alunos percebe-se que houve algumas reproduções do conhecimento exposto durante as oficinas como demonstra a redação 5, do aluno 5 quando

este menciona que Erasmo “Utiliza o Latim para escrever a obra mesmo não sendo um idioma muito usado e compreendido por todos.” Com isso, constata-se a presença muito forte da consciência histórica tradicional que, segundo Alves (2015, p. 326) ocorre quando “se relaciona à permanência inquestionável de valores morais e modos de vida tradicionalmente estabelecidos.” Apesar do aluno conseguir identificar bem, que na carta, o autor utiliza de inúmeros artifícios lingüísticos, como a ironia, para não falar abertamente os assuntos que queria, como sua crítica religiosa, por exemplo. Nesta aula, a minha mediação visou estimular os alunos que se encontravam apenas reproduzindo o conteúdo de maneira tradicional, levando-os a transpor barreiras, chegando ao raciocínio crítico do assunto.

Em contra partida, o uso deste tipo de documento leva o aluno a pensar na repressão imposta pela Igreja – ou pelas Igrejas – que, até nos dias atuais, tentam impor suas regras, para serem seguidas pela população, despertando nos alunos um senso crítico, para discernir o que levar do conteúdo para sua realidade. Gerando nas mentes – pelo menos alguns – outro tipo de consciência histórica, a crítica; que, conforme Alves (2015, p. 327) “se relaciona a uma postura crítica dos indivíduos a valores morais tradicionalmente estabelecidos, pois pensa cultura como algo que se transforma ao longo do tempo.” Considerando que uma minoria dos alunos desta turma tinha este tipo de consciência, sobre religião e ao utilizar esta fonte se posicionaram rapidamente comparando o passado com o presente. Não havendo dificuldade com a temporalidade histórica.

Já na *Utopia* usou-se durante as oficinas a “introdução”, que nos dá um panorama geral da obra, bem como o pensamento humanista de Thomas More, porque se torna pertinente mencionar que o autor escreve, de acordo com Almino (2004, p. 9), enquanto estava dando uma pausa em meio a uma negociação diplomática. Motivo que, o leva a escrever sobre política, assunto o qual tem bastante experiência. Assim, utiliza o termo “Utopia” como título do livro que, segundo Almino (2004, p. 9) vem do grego e significa “lugar nenhum”, artifício utilizado por Thomas More para descrever uma ilha imaginária.

Muitos alunos não acreditavam em um mundo onde todos fossem iguais, convivendo pacificamente; para eles o mundo não daria certo desse jeito, como se percebe na redação 15 onde relatam o seguinte: “sabemos que é impossível se criar essa sociedade ideal nos dias de hoje, possivelmente essa idéia nunca vai sair do papel e vai continuar sendo uma imaginação ou até mesmo uma expectativa do povo.” (Cfr. Anexo 11)

Aparece, assim, o ideal de igualdade entre os povos, como um sonho difícil de sair da imaginação e se tornar realidade. A maioria dos alunos chegaram à seguinte conclusão, que pode ser percebida na redação 5 quando se referem “A palavra Utopia que quer dizer idéia

imaginada, não real de sociedade. Thomas More estuda o comportamento das pessoas imaginando um mundo perfeito que não existe, onde todos eram iguais, vivendo sem brigas.” (Cfr. Anexo 7) Para eles não tem como existir uma sociedade perfeita. Como o relato desta outra redação 10 “Na verdade não tem como ter uma sociedade perfeita, porque sempre teria brigas, repressão e pobreza, a vida é assim. Sempre vai existir o lado ruim da história.” (Cfr. Anexo 7) Estavam conformados com a situação em que a sociedade se encontra.

Ainda na redação 12 o aluno mencionou que a “sociedade levemente desenformada do significado amizade. A ambição, o orgulho, a ignorância, a vontade de ser sempre melhor vence toda a barreira do companheirismo na verdade.” (Cfr. Anexo 11) Ou seja, para eles o mundo está tão cheio de sentimentos ruins que não tem jeito de haver sociedade perfeita.

Analise o que os alunos conseguiram fazer, com o auxílio da consciência crítica do passado, através da constatação dos pontos da sociedade Utopica imaginada, os quais interligaram muito bem com a sociedade atual, chegando, então, a uma consciência histórica, em que se percebem os pontos que mudaram e permaneceram com o passar do tempo. A esse respeito, Carvalho (s/d, p. 1) menciona que “é por meio da consciência histórica que os grupos elaboram um sentido histórico para suas experiências no tempo.” Considerando que os alunos deram sentido para esse passado apreendido.

Entretanto, na tentativa de dar sentido a estes fatos ocorridos no passado que os alunos perceberam a Utopia como uma imaginação concreta. Sobre isso, Barbosa (2002, p. 27) pondera que “o lastro de plausibilidade é dado pela realidade da própria antecipação visada. A Utopia como gênero é um modo de manifestação da razão e não somente uma mera insatisfação com o mundo real que corresponderia à criação de situações ideais.” Vivenciando, então, que Thomas More não narra fantasias ou monstros estranhos. Pelo contrário, parte de um sistema político real, presenciado em seu país (Inglaterra) e também na Europa durante o século XVI, para descrever um sistema imaginário de sociedade, onde podia analisar questões sociais e políticas existentes.

Partindo disso, que os alunos analisaram de perto a idéia expressa na Utopia, compreendendo o tempo histórico, em que a obra se encontra, fazendo uma análise crítica do assunto levando para seu cotidiano como mostra, a redação 2, no seguinte trecho:

Não deveria ter briga entre as famílias, porque o marido que não ajuda a esposa está errado. Os dois tem que ajudar a cuidar dos filhos para viverem sem brigas e tem que dar bom exemplo para os filhos. As pessoas tem que respeitar a religião do outro e a opinião do outro para ser mais justo com o próximo. (Cfr. Anexo 7)

Constatai que abordaram assuntos que eles conheciam amplamente, como família e convívio em sociedade. Os alunos, durante as oficinas, compreenderam bem a visão de sociedade ideal que More aborda na obra dando muita opinião sobre o assunto, principalmente em se tratando da ideia de More, em relação à construção de uma comunidade em que todos tenham igualdade e não exista a dualidade riqueza/pobreza entre as pessoas. Isso aparece na redação 2 quando o aluno 2 relata que: “Para uma sociedade mais justa e fraterna é preciso mudar muita coisa. Deveria existir mais programas de ajuda aos pobres e as pessoas tem que ter consciência de ajuda o próximo. Ajuda as pessoas que moram na rua.” (Cfr. Anexo 7)

Neste ponto os alunos começam a imaginar uma possibilidade de futuro, fator que se apresenta na consciência histórica genética, porque de acordo com Alves (2015, p. 327) “avança em relação a posturas de aceitação ou rejeição do passado, pois entende que mudanças e permanências estão sujeitas ao tempo e, portanto, devem ser historicizadas.” Dessa forma, o assunto se aproximou tanto do cotidiano dos alunos que puderam fazer uma análise mais profunda. Onde cada um tinha uma narrativa relacionada ao conteúdo em questão. Neste sentido, Barca (2012, p. 39) aponta que “é possível a construção de ideias históricas gradualmente mais sofisticadas pelos alunos, no que respeita a natureza do conhecimento histórico.” Pode-se constatar que quando o aluno se identifica com o assunto suas produções são mais elaboradas, ocasionando um maior aprendizado.

É neste espírito que analisamos as produções dos alunos sobre *O Príncipe*, devido ao uso, durante as oficinas de uma carta introdutória dedicada a Lorenzo de Médicis, na qual Maquiavel apresenta pontos nos quais se percebem traços do movimento humanista.

Assim, o autor escreve a obra com a intenção de presentear Lorenzo de Médicis com o que tem de melhor. No caso, seu conhecimento sobre as ações do príncipe, como se expressa na referida carta (2005, p. 27) “Desejando eu oferecer a Vossa Magnificência um testemunho qualquer de minha obrigação, não achei, entre os meus cabedais, coisa que me seja mais cara.” Considerando esta sua vontade de escrever um manual de conselhos para o novo príncipe, Entretanto, deve se ressaltar que Maquiavel não propõe um modelo perfeito, imaginado fora da realidade. Pelo contrário, seus conselhos ao Príncipe só se tornam possíveis de ser seguidos, porque o autor se baseava na realidade vivida pela Europa e principalmente por seu país (Itália).

Porém, durante a atividade, houve quem relembresse a explanação sobre a obra, em trechos de seus textos, constatando que apesar dos esforços no decorrer das oficinas para aproximar o conteúdo do seu cotidiano, ainda persistiram desta vez em quantidade menor,

alunos que utilizaram a consciência crítica tradicionalista, ou seja, reproduzindo o conhecimento já formulado e não re-formulando seu próprio conhecimento sobre o assunto, conforme o relato da redação 5, onde fala que:

Na Itália antigamente o poder estava dividido nas mãos de varias famílias importantes. Com pleno conhecimento do assunto Maquiavel cria um modelo ideal de príncipe a ser seguido, para tentar unir o país. Maquiavel só escreveu este modelo de príncipe porque tinha conhecimento sobre os acontecimentos políticos do passado que lhes serviam de exemplo para o futuro. (Cfr. Anexo 10)

Mas, também houve quem fez uma boa análise da frase “os fins justificam os meios” comparando com a atualidade e constataram que esse tipo de pensamento ainda perdura nos dias de hoje. Muitos citaram de acordo com a redação 2: “Para mim a idéia de Maquiavel de os ‘fins justificam os meios’ existe até hoje principalmente nas épocas políticas quando os políticos batem em nossa porta em busca de votos.” (Cfr. Anexo 10) Dessa forma, consideraram que os políticos utilizam sua astúcia para manipular a população mais fraca e indefesa.

Continuando a retratar as oficinas os alunos utilizaram sua capacidade de interpretação de texto para compreender a visão do autor percebendo que este pregava o poder do governante mediar suas ações perpassando em alguns momentos para o bem e em outros para o mal. Dando margem para a frase “os fins justificam os meios”, a qual analisaram muito bem compreendendo que, se as ações do príncipe forem por uma boa causa, seus atos eram perdoados. Argumento em que pode se constatar na redação 7 com o relato de que

Isso se parece com os políticos de hoje em dia que tem duas caras, sendo uma no momento das eleições, que se mostram amigável e tentam agradar o povo e outra quando estão ocupando o cargo, que estão rodeados de assessores e seguranças para nem chegar perto do povo. (Cfr. Anexo 10)

Considerando que neste assunto o professor pode intermediar junto com os alunos sobre o período de campanhas políticas atualmente, item que permeia o conhecimento da turma. Além do mais, a respeito deste conteúdo os alunos utilizaram sua consciência histórica, exemplar ou modelar, que para Alves (2015, p. 326) se define como “os princípios que podem ser usados como modelo para situações de vida no presente.” Ponto que pode ser identificado quando os alunos utilizam o modelo de Príncipe de Maquiavel para igualarem aos modelos de algumas figuras atualmente.

De maneira geral, esta atividade proporcionou aos alunos um maior desenvolvimento de sua consciência histórica, onde puderam utilizar seu conhecimento prévio para se situar historicamente. Além do mais, existe uma necessidade de atribuir significados aos diversos

grupos em que o indivíduo está inserido conforme menciona Carvalho (s/d, p. 1) “A expressão consciência histórica designa esses significados que são construídos em grupo e pelo grupo sobre si próprio, caracterizando-se pela ação do tempo e do espaço.” Então, é através da consciência histórica que se dá sentido ao passado. Esse sentido começa a ser formado na escola que tenta criar um ambiente propício para isso, tornando o aluno um cidadão crítico e atuante no processo de ensino/aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, como maneira de facilitar a compreensão do aluno, sobre a temática Renascimento, utilizei como recurso, a interpretação das fontes filosófico/literárias para que pudessem perceber e compreender melhor o Renascimento, trazendo o assunto para seu cotidiano, levando mais motivação às aulas de história. Assim, a história não está contida apenas dentro da escola como também pode ser levada para o dia-a-dia do aluno na narrativa de seu cotidiano.

Nesta pesquisa, considerei que o uso de fontes filosófico/literárias em sala de aula contribuiu muito na formação dos alunos, pois é uma maneira de prender sua atenção, estimular seu senso crítico, evitando não fazer tudo como meros reprodutores de conhecimento e sim re-formuladores deste conhecimento, levando o que aprenderam para sua vida, estimulando o processo de ensino-aprendizagem dos mesmos ligando o conteúdo ensinado com sua realidade, para que eles compreendam que a história não está isolada no passado.

Constatei, ainda, que existiam alguns casos isolados de alunos que só estavam ali para terminar o ano, não se importando com a nota que lhes seria atribuída. Como a maioria da turma é de baixa renda a situação, na visão desses alunos especificamente, não melhoraria com os estudos, apesar, de já trabalharem, entendem que, nos dias atuais, não adianta muito conhecimento, pois o destino deles sempre irá ser o de limpar o chão de alguém que tenha dinheiro. Estes se encontravam completamente desmotivados, até desanimados.

Em contrapartida, as oficinas se mostraram relevantes para combater esta desmotivação dos alunos, item que deve ser lembrado, pois é um fator importante no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, este tipo de trabalho utilizando fontes filosófico/literárias atingiu o esperado, quando estimulou os alunos a pensar criticamente as obras escolhidas,

fazendo-os perceberem como, por exemplo, com a obra *Utopia* que um mundo ideal não existe, mas que somente com muita luta e estudo se conseguirá chegar a um lugar melhor.

Ainda houve alunos que ficaram realmente indignados, quando constataram que essas formas de dominação dos poderosos já existiam lá atrás, no século XVI, ao apresentar para a turma o modo como se estruturaram essas ideias inovadoras de política e religião. Com isso, aprenderam que, para vencer a desigualdade só enfrentando os poderosos, estejam eles onde for: na religião ou na política. Porém, os alunos acrescentaram que uma pessoa sozinha não faz diferença, sendo necessário, várias; unidas pelos mesmos objetivos, para que a ideia saia do papel.

Mas, existe outra consideração a ser feita, em relação à consciência histórica formada nos alunos a respeito do Renascimento, porque cada aluno é portador de um conhecimento prévio, que pode ser relevante para compreender os documentos aqui estudados. Neste sentido, as oficinas fizeram diferença, devido aos exemplos demonstrados na sala de aula, sobre os autores já citados, que são pertencentes ao movimento Renascentista, os alunos puderam perceber, com isso, que seus integrantes eram compostos, apenas de intelectuais, que foram ganhando adeptos e se espalharam por todo o continente europeu. Isso despertou e motivou alguns alunos a correrem atrás do prejuízo, injetando ainda mais ânimo, para estudarem e ter o conhecimento, para fazer a diferença na sociedade em que estão inseridos.

Analisando as oficinas, que foram realizadas, nesta pesquisa, posso dizer que contribuíram muito, afinal, levaram os alunos a repensar o modo como estavam participando das aulas. Despertando em alguns alunos a vontade de saber mais sobre os autores e as obras utilizadas, se tornando mais participativos em sala de aula. Dando mais prazer e ânimo para a professora titular desenvolver mais oficinas como esta para a turma, lembrando que este projeto de aulas/oficinas teve uma boa receptividade, que foi estendido para outras turmas dentro do Colégio. Como, por exemplo, o terceiro ano do Ensino Médio nas aulas de Filosofia, onde se estudava o mesmo tema.

No entanto, outro quesito ocorrido durante as oficinas e observado na análise do material coletado, foi em relação ao processo de avaliação dos alunos, que conforme Datrino, Datrino, Meireles (2010, p. 28)

Avaliar é olhar cada um dos alunos, investigando e refletindo sobre a sua forma de aprender, conversando, convivendo, organizando o cenário dessa interação, sempre com o cuidado de proporcionar ao aluno uma assimilação melhor e diária como parte constitutiva do processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação não ocorre apenas em uma aula determinada, mas sim todos os dias, onde o professor está constantemente observando o processo ensino/aprendizagem do aluno. Tendo isso em mente foi constatado nas oficinas a dificuldade de muitos alunos com o processo cognitivo de aprendizagem, estes, não conseguiam realizar uma simples interpretação de texto, devido à falta de utilização desta prática de ensino. Percebeu-se que os estudantes desta turma estão acostumados a esperar a resposta pronta, formulada pelo professor, que tem todo o trabalho de elaborar, as perguntas e as respostas de cada atividade aplicada. E em seguida, simplesmente passar a eles, que não lêem o conteúdo em sala e muito menos, estudam em casa para as provas. Em se tratando das provas, Datrino, Datrino, Meireles (2010, p. 28) argumentam que

a avaliação poderá ser utilizada para diagnosticar as carências e erros dos alunos, a fim de que o avaliador tome uma decisão e possa ajudá-los a superar suas dificuldades, sempre no sentido de promover sua aprendizagem, e não utilizar a avaliação somente para classificar, excluir ou incluir.

Entretanto, nesta turma de 1º ano, onde se realizaram as oficinas, os alunos necessitam que o professor os ajude constantemente, formulando provas onde uma questão responde outra. Dessa forma, os alunos simplesmente, passam de ano não sabendo nada e nem se esforçando para aprender. Isso ocorre, devido ao baixo interesse por parte dos alunos nos estudos, ocasionado por falhas no sistema de ensino de algumas instituições ou até mesmo do governo quem obriga os educadores a, segundo Leão (s/d, p. 131) “atribuir nota indiscriminadamente, quando não se oferecem nenhum retorno sobre o desempenho do aluno.” Desanimando-os ainda mais.

Logo, em relação as oficinas analisadas, a avaliação girou em torno dos textos produzidos pelos alunos: alguns foram bem superficiais, mas tiveram outros que foram de boa qualidade permitindo-me perceber que com o incentivo e encorajamento certo por parte do/a professor os alunos procuram superar suas dificuldades e conseguem ter um bom resultado, como ocorreu quando foram auxiliados na confecção da atividade proposta, sanando suas dúvidas e incentivando-os a desenvolver a atividade solicitada. Dessa forma, a produção deles evoluiu muito, levando em comparação desde o primeiro texto até o último.

Assim sendo, as oficinas com o emprego de fontes literárias no ensino de história, tornam-se um meio propício para os alunos terem a oportunidade de retomar esse contato com a leitura, por hora esquecido. Levando-os a exercitar sua capacidade de interpretação de texto, contribuindo para a formação do seu senso crítico. Por causa da dificuldade de interpretação de texto apresentada na turma, no decorrer das oficinas, foi necessário construir, junto com os alunos, a relação: passado, presente, indispensável para ligar o conteúdo com a realidade

deles, como cita Ribeiro e Polonial (2009, p. 8) “é necessário ter bons professores, afinal são eles que estabelecem a intermediação na sala de aula entre o patrimônio cultural da humanidade a cultura do educando, gerando uma possibilidade de aprendizagem.”

Pode-se deduzir, também, com a realização desta pesquisa que, apesar das dificuldades e desinteresse iniciais da turma, com o desenrolar das atividades foram surgindo alguns alunos que me surpreenderam com seu desenvolvimento e gosto pelo assunto, comprovando a eficácia do uso de fontes literárias no ensino de história, no sentido de que desenvolve-se o senso crítico, bem como a consciência histórica no aluno inserindo-o na sociedade como agente social consciente do seu papel.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, A., OLIVEIRA, L. F. de. **Conexões com a História**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2010.

ALVES, Ronaldo Cardoso. Por um ensino de historia com sentido para a vida. **Revista Diálogos: Dossiê Educação Histórica**. Maringá, v. 19. n. 1. 2015. p. 323-343. <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126867/ISSN2177-2940-2015-19-01-323-343.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15/09/16

AVELAR, Alessandra Cândida. A motivação do aluno no contexto escolar. In: **Anuário de produções acadêmico-científicas dos discentes da Faculdade Araguaia**, 2015. <www.fara.edu.br/sipe/index.php/anuario/article/download/271/244>. Acesso em: 08/09/15

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. O uso de fontes e diferentes linguagens no ensino de história na educação básica. In: **Anais – XVI seminário de pesquisa do CCSA**, 2010.

BARBOSA, Jorge Luiz. **A cidade do devir na utopia de Thomas Morus**. 2002. <www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/126/123>. Acesso em: 23/05/16

BARCA, Isabel. Ideias chaves para a Educação Histórica: Uma busca de (inter)identidades. **Historia Revista: Dossiê Linguagens escolares e Educação Histórica**. Goiânia, v. 17. n. 1. 2012. p. 37-51. <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/21683/12756>> Acesso em: 31/08/16

BELLOZO, Edson. **Maquiavel e as origens do pensamento político moderno**. s/d. <<http://www.miniweb.com.br/ciencias/artigos/maquiavel.pdf>> Acesso em: 15/10/14

BLANCH, Joan Pagès. As fontes literárias no ensino de historia. **Revista OPSIS: Dossiê Linguagens, Tecnologias da Informação e Ensino de História**. Catalão, v. 13. n. 1, 2013. p. 33-42. <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/19966/15172>> Acesso em: 25/06/15

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**, 4^o ed., São Paulo: Cortez, 2011.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania**. 2^o ano – 1^a ed – São Paulo: FTD, 2013.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A Motivação do Aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CARVALHO, Sadraque Micael Alves de. **História e educação histórica**. s/d. <<http://www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT31/Historia%20e%20educacao%20historica%20-%20Sadraque.pdf>>. Acesso em: 31/08/16

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição e o imaginário: primeira abordagem. In: **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAVENAGHI, A. R. A., BZUNECK, J. A.. A motivação de alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor. In: **Anais – IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**. Curitiba: Champagnat, 2009. p. 1478-1489. <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1968_1189.pdf>. Acesso em: 22/06/15

CHAUNU, Pierre. O humanismo. In: **O tempo das reformas (1250-1550)**. Trad. Cristina Diamantino. Lisboa: Ed. 70, v. 2, 1975. p. 13-68.

CORTINA, Arnaldo. As condições históricas de produção de O príncipe de Maquiavel e sua organização discursiva. **Alfa: Revista de linguística**, São Paulo, v. 39, p. 87-109, 1995. <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3972/3647>>. Acesso em: 10/11/14

CORREIA, Janaína dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX). In: **Historia & Ensino**. Londrina, v.18, n.2, 2012. p. 179-201. <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12451/11906>> Acesso em: 25/06/15

DARNTON, Robert. História e Antropologia. In: **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 284-303.

DATRINO, R. C.; DATRINO, I. F.; MEIRELES, P. H.. Avaliação como processo de ensino-aprendizagem. **Revista de Educação**. São Paulo. vol. 13, n. 15, 2010.

<<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/viewFile/1864/1769>>. Acesso em: 31/08/16

DELUIS, Christophe. **História da Filosofia**. Colônia. Alemanha. Konemann. 2001. <<http://www.ruipaz.pro.br/textos/renascimento.pdf>>. Acesso em: 31/08/16

DUBOIS, Claude Gilbert. Anthropos: a construção do ego. In: **O imaginário da renascença**. Trad. Sergio de Bath. – Brasília: Universidade de Brasília, 1995. p. 195-228.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**: Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FURTADO, Júlio. **Liderança, gestão escolar e pedagógica: o desafio de fazer acontecer**. s/d. <<http://www.alegrete.rs.gov.br/wpress/wp-content/uploads/2015/05/Lideranca-gestao-escolar-e-pedagogica-o-desafio-de-fazer-acontecer.pdf>>. Acesso em: 15/09/16

JUNCKES, Rosani Casanova. A prática docente em sala de aula: mediação pedagógica. In: **Anais – V SIMFOR**. Jun/2013. <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_v%20sfp/Rosani_Junckes.pdf>. Acesso em: 31/08/16

LEÃO, Andreza Marques de. **A (des) motivação extrínseca no contexto escolar: análise de um estudo de caso**. s/d. <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/4803/4073>>. Acesso em: 08/09/15

LEAL, Fernanda de Moura. Educação histórica e as contribuições de Jörn Rüsen. In: **Anais – XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul/2011. <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308191657_ARQUIVO_EDUCACAO_HISTORICAEASCONTRIBUICOESDEJORNRIUSENFERNANDALEAL.pdf>. Acesso em: 08/09/15

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1990. p. 535-549.

_____. Do universitário ao humanista. In: **Os Intelectuais na Idade Média**. Trad. Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995. p. 65-123.

LINS, Ivan. **Erasmus, a renascença e o humanismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 20, 1967.

LOPES, Marcos Antônio. Uma história da ideia de Utopia: o real e o imaginário no pensamento político de Thomas Morus. **História: Questões & Debates**. Curitiba. n. 40. 2004. p. 137-153. <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2740/2277>>. Acesso em: 23/05/16

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem.** s/d. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em 31/08/16

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Apontamentos para pensar o ensino de História hoje: reformas curriculares, Ensino Médio e formação de professor.** 2006. <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a05.pdf>>. Acesso em: 31/08/16

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MARTINS, Alex. Apêndice. In. ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura.** Trad. Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 117-125.

MARRERA, F. M.; SOUZA, U. A.. A tipologia da consciência histórica em Rusen. **Revista Latino – Americana de História.** vol. 2 n. 6. Ago/2013. <<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/256/209>>. Acesso em: 31/08/16

MATTOSO, José. A importância do texto literário no ensino da história. In: **No branco sul as cores dos livros.** Ed. Caminho. 2007. <<http://hdl.handle.net/10400.26/4375>>. Acesso em: 31/08/16

MORE, Thomas. **A Utopia.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho. O uso de documentos e a construção do conhecimento histórico. In: **Anais – III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade.** Caetité-BA. s/d. <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/jairo_carvalho.pdf>. acesso em: 31/08/16

NASSETTI, Pietro. Apêndice. In: MORE, Thomas; **A Utopia.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 115-126.

_____. Apêndice. In: MAQUIAVEL, Nicolau; **O Príncipe.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 161-187.

OLIVEIRA, Wilandia Mendes de. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem.** s/d. <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf>. Acesso em: 31/08/16

PAVIANI, Jayme. O texto filosófico-literário e o texto literário-filosófico. **Veritas: Revista da Pontificia Universidade Catolica do Rio Grande do Sul**, v. 48, n. 4, dez, 2003, p. 549-558. <<http://conhecimentodoconhecimento.wikispaces.com/file/view/Paviani,+Jayme+-+O+texto+filos%C3%B3fico.pdf>>. Acesso em: 07/10/2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginado o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, nº 29, 1995.

_____. **Historia & Historia Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Literatura, História e Identidade Nacional. **Vidya (Santa Maria)**, v. jan-jun, p. 9-27, 2000.

<<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2000/33/literatura.pdf>>. Acesso em: 22/06/15

PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de. A memória evanescente; A fonte fecunda. In: **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-28; 61-92.

PRUNZEL, Clovis. **Lutero e Erasmo: Pontos de Contato e Divergências**. 2007.

<http://www.seminarioconcordia.com.br/Artigos_Prunzel/Lutero%20e%20Erasmo%20-%20Pontos%20de%20Contato%20e%20Diverg%EAncias.pdf>. Acesso em: 17/01/2011

RAASCH, Leida. **A motivação do aluno para a aprendizagem**. s/d.

<http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Motivacao/motivacao%20do%20aluno.pdf>. Acesso em: 31/08/16

RIBEIRO, G. T. F.; POLONIAL, J. M.. Reflexões sobre o ensino de história e o saber histórico na sala de aula. In: **Anais – III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**. 2009.

<http://www.ceped.ueg.br/anais/IIIedipe/pdfs/4_conferencias/conf_reflexoes_sobre_o_ensino_de_historia.pdf>. Acesso em: 10/06/15

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. Trad. Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

RÜSEN, Jorn. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2007.

SALES, Marta Helena B. M. **As produções imagéticas dos livros didáticos de história e a construção do conhecimento discente**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Mestrado Profissional. Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão: Catalão, 2016. p. 24-47. Mimeo.

SCHEIMER, Maria Delfina Teixeira. Ensino de história e a prática educativa: projetos interdisciplinares. In: **Anais – V CINFE**. Caxias do Sul-RS. Maio/2010.

SCHMIDT, M. A., CAINELLI, M.. As fontes históricas e o ensino da historia, In: **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004. p. 89-110.

<http://www.uces.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico10/ENSI

NO%20DE%20HISTORIA%20E%20A%20PRATICA%20EDUCATIVA.pdf>. Acesso em: 31/08/16

SILVA, B. J. G., PEREIRA, L. P.. O sistema educacional e as falhas nas estratégias didáticas, In: **Anais** – XVI Encontro Estadual de História, (Campina Grande online), 2014. p. 752-758. <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/anpuhpb/XVI/paper/view/2454/559>>. Acesso em: 25/06/15.

SILVA, Rodolfo Guimarães. **Imaginário social e novos paradigmas para a produção científica no tema de heróis esportivos**. s/d. <<http://olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/68.pdf>> Acesso em: 31/08/16

SOUTO, Caio Augusto. A literatura, uma noção tardia: reflexão sobre as palavras e as coisas Michel Foucault. In: **Anais** – VII Seminário de Pós-Graduação em filosofia da UFSCar. 2011. <<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/caiosouto.pdf>>. Acesso em: 31/08/16

6. ANEXOS

ANEXO 1 – Resumo passado no quadro na Aula 1

_ / _ / _

Renascimento → Aula 1 dia 26/08/15

- Renascimento movimento artístico, científico e cultural que ocorreu na Europa entre os séculos XIV e XVI.
- Características:
 - Racionalismo: Valorização da razão.
 - Antropocentrismo: Homem no centro do saber. Contrapõe o Geocentrismo da Idade Média.
 - Hedonismo: O corpo como fonte de prazer e de beleza.
 - Uma nova concepção do tempo: O tempo não pertence mais a Deus. As pessoas agora podem emprestar dinheiro a juros. Antes era "vender o tempo."
 - Retorno a Antiguidade clássica (grecoromana). Ela não desapareceu durante a Idade Média, tendo seus livros preservados dentro dos mosteiros.
 - Ascensão da burguesia
 - Mudança do eixo da sociedade do campo para a cidade.
 - Criação da imprensa por Johannes Gutenberg século XV.
 - Divulgação de livros em diversas línguas, deixando o latim esquecido.
 - Inovações nas artes e nas ciências.

_ / _ / _

ANEXO 2 – Introdução da obra “Elogio da Loucura”

INTRODUÇÃO

Erasmus a Thomas More,
Saúde

Achando-me, dias atrás, de regresso da Itália à Inglaterra, a fim de não gastar todo o tempo da viagem em insípidas fábulas, preferi recrear-me, ora voltando o espírito aos nossos comuns estudos, ora recordando os doutíssimos e ao mesmo tempo dulcíssimos amigos que deixara ao partir. E foste tu, meu caro More, o primeiro a aparecer aos meus olhos, pois que malgrado tanta distância, eu via e falava contigo com o mesmo prazer que costumava ter em tua presença e que juro não ter experimentado maior em minha vida. Não desejando, naquele intervalo, passar por indolente, e não me parecendo as circunstâncias adequadas aos pensamentos sérios, julguei conveniente divertir-me com um elogio da Loucura. Por que essa inspiração? — perguntar-me-ás. Pelo seguinte: a princípio, dominou-me essa fantasia por causa do teu gentil sobrenome, tão parecido com a *Moria*² quanto realmente estás longe dela e, decerto, ainda

mais longe do conceito que em geral dela se faz. Em seguida, li-sonjeou-me a idéia de que essa engenhosa pilhéria pudesse merecer a tua aprovação, se é verdade que divertimentos tão artificiais, não me parecendo plebeus, naturalmente, nem de todo insulsos, te possam deleitar³, permitindo que, como um novo Demócrito, observes e ridicularizes os acontecimentos da vida humana. Mas assim como, pela excelência do gênio e de talentos, estás acima da maioria dos homens, assim também, pela rara suavidade do costume e pela singular afabilidade, sabes e gostas, sempre e em toda parte, de habituar-te a todos e a todos parecer amável e grato.

Por conseguinte, gostarás agora não só de aceitar de bom grado esta minha pequena arenga, como um presente do teu bom amigo, mas também de colocá-la sob o teu patrocínio, como coisa sagra-

³ Loucura, em grego.

da para ti e, na verdade, mais tua do que minha. Já prevejo que não faltarão detratores para insurgir-se contra ela, acusando-a de frivolidade indigna de um teólogo, de sátira indecente para a moderação cristã, em suma, clamando e cacarejando contra o fato de eu ter ressuscitado a antiga comédia e, qual novo Luciano², ter magoado a todos sem piedade. Mas os que se desgostarem com a ligeireza do argumento e com o seu ridículo devem ficar avisados de que não sou eu o seu autor, pois que com o seu uso se familiarizaram numerosos grandes homens. Com efeito, muitos séculos antes, Homero escreveu a sua *Batraquomáquia*, Virgílio cantou o mosquito e a amoreira, e Ovídio, a nogueira; Polícrates chegou a fazer o elogio de Busfris, mais tarde impugnado e corrigido por Isócrates; Glauco enalteceu a injustiça, o filósofo Favorino louvou Tersites e a febre quartã; Sinésio, a calvície e Luciano, a mosca parasita; finalmente, Sêneca ridicularizou a apoteose de Cláudio, Plutarco escreveu o diálogo do grilo com Ulisses, Luciano e Apuleio falaram do burro; e um tal Grun-

² Luciano, retórico de Samos, autor do *Diálogo dos Mortos*. Tão satírico que não perdoava aos próprios deuses. Foi por isso considerado ímpio e ateu.

nio Corocotta fez o testamento do porco, citado por São Jerônimo. Saibam, pois, esses censores que também, para divertir-me, já joguei xadrez e montei em cavalo de pau, como um menino. Na verdade, haverá maior injustiça do que, sendo permitida uma brincadeira adequada a cada idade e condição, não poder um literato pilhérias, principalmente quando a pilhéria tem um fundo de seriedade, sendo as facécias manejadas apenas como disfarce, de forma que quem as lê, quando não seja um solene bobalhão, mas possua algum faro, encontre nelas ainda mais proveito do que em profundos e luminosos temas? Que dizer, então, de alguém que, com um longo discurso, depois de muito estudar e fatigar as costas, elogiasse a retórica ou a filosofia? Ou de alguém que escrevesse o elogio de um príncipe; outro, uma exortação contra os turcos; outro fizesse horóscopos e predições baseado nos planetas; outro, questões de *lana caprina* e investigações futilíssimas? Portanto, assim como não há nada mais inepto do que abordar graves argumentos puerilmente, assim também é bastante agradável e plausível tratar de igual forma as pilhérias, que não têm aqui outro objetivo senão o pilhérias.

Quanto a mim, deixo que os outros julguem esta minha tagarelíce; contudo, se o amor-próprio

não me engana, creio ter elogiado a Loucura sem estar inteiramente louco. Quanto à imputação de sarcasmo, não deixarei de dizer que há muito tempo existe a liberdade de estilo com a qual se zomba da maneira por que vive e conversa o homem, desde que não se caia no cinismo e no veneno. Assim, pergunto se se deve estimar o que magoa, ou antes o que ensina e instrui, censurando a vida e os costumes humanos, sem pessoalmente ferir ninguém. Se assim não fosse, precisaria eu mesmo fazer uma sátira a meu respeito, com todas as particularidades que atribuo aos outros. Além disso, quem se insurge em geral contra todos os aspectos da vida não deve ser inimigo de ninguém, mas unicamente do vício em toda a sua extensão e totalidade. Se houver, pois, alguém que se sinta ofendido por isso, deverá procurar descobrir as suas próprias mazelas, porque, do contrário, se tornará suspeito ao mostrar receio de ser objeto da minha censura. Muito mais livre e acerbo nesse gênero literário foi São Jerônimo, que

nem sequer perdoava os nomes das pessoas! Nós, porém, além de calarmos absolutamente os nomes, temperamos o estilo, de forma que o leitor honesto verá por si mesmo que o nosso propósito foi mais divertir do que magoar. Seguindo o exemplo de Juvenal, em nenhum ponto tocamos na oculta cloaca de vícios da humanidade, nem revelamos as suas torpezas e infâmias, limitando-nos a mostrar o que nos pareceu ridículo. Se, apesar de tudo, ainda houver ranzinzas e descontentes, que ao menos observem como é bonito e vantajoso ser acusado de loucura. Com efeito, na boca da que trouxemos à cena e fizemos falar, foi necessário pôr os juízos e as palavras que mais se coadunam com o seu caráter.

Mas, para que hei de te dizer todas essas coisas, se és emérito advogado, capaz de defender egregiamente mesmo as causas menos favoráveis?

Sem mais, eloquentíssimo More, estimo que estejas são e tomes animosamente a parte de tua loucura.



Vila, 10 de junho de 1508.

ANEXO 3 – Resumo passado no quadro na Aula 2

Elogio da Loucura → Aula 2 dia 01/09/15

- Autor Erasmo de Rotterdam, nasceu na Holanda, viveu dentro de mosteiros, o que deu conhecimento para denunciar atos que considerava errado.
- Sua obra foi escrita em Latim, em 1509, século XVI.
- Faz crítica a Igreja católica a pontos como: venda de Indulgências, relíquias, adorações dos santos, abusos do alto clero, intermináveis disputas teológicas, riúmes entre as ordens monásticas.
- Uso da sátira para não ser reprimido.
- Retrata a loucura como forma de denunciar as ações da Igreja.
- Escreve a carta a seu amigo Rore pedindo ajuda e proteção.
- A Igreja católica reprime qualquer obra que alerte suas ações. Reprimindo a liberdade de expressão.

Questões:
Elabore um texto apontando quais as características do Renascimento estão presentes na carta "De Erasmo a Rore, saúde".

|| ||

www.itau.com.br/universitarios

ANEXO 4 – Textos produzido pelos/a alunos/a na Aula 2

Redação 1

Questão

Elabore um texto apontando quais as características do Renascimento estão presente na obra "De Erasmo a more, saude".

Erasmo Rotterdam

Foi quase como um revolucionário da época, ele analisava as ações da Igreja católica. Ele afirmava e criticava as ações da Igreja católica como

- vendas de Indulgências;
- abuso do alto clero;
- uso de sátiras para não serem reprimidos.

• Disputas teológicas, e varias outras

Por conseguinte, gostaria agora não só de aceitar de bom grado esta minha pequena arenga, como um presente do teu bom amigo, mas também de colocá-la sob o teu patrocínio.

Redação 2

- Questão:

-• Elabore um texto apontando quais as características do Renascimento estão presentes na carta "Erasmus a More, Duíde"

Como pode observar, Erasmus de Rotterdam pede ao seu amigo Thomas More, que seja o autor de seu texto para não ser culpado pela sátira que fez a igreja.

Erasmus de Rotterdam pede ser citado como um revolucionário da época. As sátiras na igreja. As sátiras na igreja eram muitas mais nesse texto são citadas algumas coisas como:

- As vendas de indulgências, abusos do alto clero, etc

Para concluir com minha ideia Erasmus de Rotterdam vai tornar famoso por suas ideias e sátiras a igreja

Redação 3

Questão

* Elabore um texto apontando quais as características do renascimento estão presente na carta "De Erasmo a More, saúde".

"As características de Erasmo"

Dentre as diversas características de Erasmo está o racionalismo - valorização da razão. Além disso, quem se insurge em geral contra todos os aspectos da vida não deve ser inimigo de ninguém, mas unicamente do vício em toda a sua extensão e totalidade. Mas, para que hei de te dizer todas essas coisas, se és emérito advogado, capaz de defender egregiamente mesmo as causas menos favoráveis.

Outras características como "antropocentrismo, hedonismo" também fazem parte do renascimento de Erasmo.

Redação 4

Arbólio de História

1) Elabore um texto apontando quais as características do Renascimento estão presente na Carta: "De Erasmio a More, século 15".

Renascimento

Quando é imputação de sarcasmo, não deixarei de dizer que há muito tempo existe a liberdade de estilo com a qual se gomba da maneira por que vive e conversa o homem, desde que não se caia no cinismo e no ridículo. Assim, pergunto se deve estimar o que magoa, ou antes o que ensina e instrui, censurando a vida e os costumes humanos, sem pessoalmente ferir ninguém. Além disso, quem se insurge em geral contra todos os aspectos da vida não deve ser inimigo de ninguém, mas unicamente do vício em toda a sua extensão e totalidade.

Mas, para que hei de te dizer todas essas coisas, se és erudito advogado, capaz de defender egregiamente mesmo as causas menos favoráveis.

Sem mais, eloquentíssimo More, estimo que estas são e tomes animosamente a parte de tua loucura.

Redação 5

Questão

Elabore um texto apontando quais as características do Renascimento estão presentes na carta "De Erasmo a More, Saúde".

As características presentes na carta são:
Uso da sátira para disfarçar denúncias.
O uso do termo "loucura" para adobter o pedido de ajuda a Thomas More numa forma de não ser reprimido.
Uso do Latim escrevendo a obra, mesmo não sendo um idioma muito usado e compreendido por todos.

Redação 6

Questão!

Elabore um texto apontando quais as características do Renascimento estão presente na carta "De Erasmo a More, irmão".

Características

O Renascimento movimentou artístico, científico e cultural que ocorreu na Europa entre os séculos XIV e XVI.

Racionalismo: Valorização da razão
 "mas, para que hei de te dizer todas essas coisas, se és um homem adorado, capaz de defender egregiamente mesmo as causas menos favoráveis?"

Autor Erasmo de Rotterdam, nasceu na Holanda, viveu dentro de mistérios e que deu conhecimento para denunciar atos que considerava errados.

Sua obra foi escrita em latim, em 1509 século XVI

Redação 7

Questão:

Elabore um texto apontando quais as características do Renascimento estão presentes na carta "De Erasmo a More, saúde".

O Renascimento foi um período de mudanças tanto na Religião quanto na cultura. Erasmo um autor do movimento humanista em sua carta usa da sátira para denunciar as coisas erradas cometidas pela Igreja Católica.

Ele escreve sua obra em latim mesmo não gostando, porque tem medo de ser o primeiro e acabar sendo punido.

Por isso, pede para seu amigo Thomas More que o ajude, patrocinando a obra para que Erasmo não seja censurado. O autor não fala suas denúncias abertamente deixando subentendido nas entrelinhas.

Redação 8

História

Com o Renascimento de Erasmo
Thomas, que criticava as
formas da Igreja Católica se
manifestar sobre a sociedade.

É que para pagar os pecados
tinha de pagar um valor
estimado à Igreja. Como os
abusos de poder, a Igreja era
maioria na sociedade e naquele
tempo era quase impossível
mostrar os erros da Igreja Católica.

É também, como a qualquer
crítico que fosse lançado sobre
a Igreja, era cumprida as
leis da Igreja.

Redação 9

Por característica do Renascimento da
Carta.

Por conseguintes, gostaria agora não só de aceitar de bom amigo, mais também de educá-la sob o teu patrocínio, como coisa sagrada para te, na verdade, mais tua do que minha. Já preleço que não faltará devotos para insurgir-se ela, acusando-o de puerilidade indigna de um teólogo; de sátira indolente para o moderado cristão. Em suma, clamando e cacarejando contra o fato de eu ter ressuscitado a cintura comêdo e, qual não? beuiano?

Sem mais, elucubrantesíssimo mere, estimo que esteja sou e temas animosamente a parte de teu laureado.

ANEXO 5 – Introdução da obra “A Utopia”

INTRODUÇÃO

A utopia, o elemento utópico, tem sido e é ainda um dos aspectos mais dinamizadores da história da cultura ocidental.

Por outro lado, consistindo a utopia numa idealização da vida dos homens, ela pressupõe uma atitude crítica em face de formas históricas da realidade e uma exploração do campo diferencial das possibilidades.

Com efeito, quando Thomas More, na sua *A Utopia*, imagina a vida dos habitantes da ilha do mesmo nome, não está contando uma parábola dinamizadora, nem apelando para um mundo fantástico, com leis diferentes do mundo real, para pôr a nu ou denunciar, por comparação com um estado de perfeição inacessível, a Inglaterra do século XVI.

Se assim fosse, More podia estar possuído de uma atitude crítica em face da realidade, mas não ofereceria qualquer alternativa histórica e concretamente operável para essa realidade criticada.

Ora, como diz o romancista alemão Robert Musil, uma utopia é uma possibilidade que pode efetivar-se no momento em que forem removidas as circunstâncias provisórias que obstam à sua realização. Evidentemente, por isto devemos aqui entender: circunstâncias ao alcance da ação transformadora dos homens.

Destas aproximações podemos partir para uma compreensão histórica da obra de Thomas More.

More é, na verdade, portador de um projeto humanista de transformação social e esse projeto é, em seu entender, perfeitamente viável para o século em que vive. Toda a sua *Utopia* pretende provar isto mesmo.

Assim, o autor transporta-nos a uma ilha imaginária, cuja civilização material é de nível idêntico ao da civilização europeia do século XVI, mas onde os habitantes souberam explorar de forma superior os recursos ao seu alcance, mediante uma organização

social assente em critérios racionais. E More demonstra, mais ou menos explicitamente, que a aplicação desses mesmos critérios à civilização europeia resultaria num considerável aperfeiçoamento da vida comum de povos do Ocidente.

Assim, com meios técnicos idênticos, os Utopianos de More sofrem muito menos que os europeus do século XVI os efeitos degradantes do trabalho socialmente necessário, em virtude dos encargos deste se encontrarem repartidos equitativamente por todos os membros do corpo social, em vez de recaírem sobre os ombros — como acontecia na Europa — das classes oprimidas. Assim também, a pobreza é mais eficazmente combatida na ilha da Utopia, quer devido a sua organização do trabalho permitir uma produção mais volumosa, quer porque os Utopianos praticam um sistema tendencialmente igualitário de repartição dos bens sociais.

Nos outros aspectos da vida social, Thomas More indica igualmente como os Utopianos puderam, por um esforço teórico e prático de racionalidade, resolver problemas que correspondiam às mais graves questões do século XVI europeu: o problema da criminalidade e da sua repressão, o problema da família e do matrimónio, o problema dos conflitos religiosos, entre outros.

Enfim, por todos estes motivos, encontrará o leitor na *Utopia* uma importante fonte não só de documentação sobre as realidades sociais do século XVI, isto é, dos começos da Idade Moderna europeia, como poderá confrontar-se com um dos aspectos capitais do humanismo renascentista, de que More é representante privilegiado: “o sentido da terra”, a atenção às questões sociais e políticas, sempre presentes na reflexão filosófica e moral dessa época.

Antes de terminarmos estas linhas, acentuemos que a divulgação desta obra do velho humanista inglês se justifica plenamente ainda sob outro aspecto: Thomas More é, com efeito, um dos precursores de todos os grandes utopistas, sem darmos qualquer carácter pejorativo a tal designação, da cultura de que somos herdeiros. Continuadores de More são, por exemplo, os iluministas, os socialistas utópicos (Fourier, sobretudo) e, nos nossos dias, Herbert Marcuse, autor de uma obra intitulada precisamente *O Fim da Utopia*, em que o conhecido teórico libertário defende a tese, implícita já na obra de More, de que o projeto “utópico” de uma sociedade livre de indivíduos livres se encontra ao alcance do mundo de hoje.

12

ANEXO 6 – Resumo passado no quadro na Aula 3

A Utopia → Aula 3 dia 02/09/15

- Autor Thomas More, nasceu na Inglaterra, esteve em constante contato com a vida diplomática o que deu co-
nhecimento para poder escrever seu livro.
- Sua obra foi escrita em italiano no ano de 1516, século XVI.
- É uma obra ficcional que utiliza a sátira para escrever um modelo de sociedade ideal sem problemas denominada Utopia.
- Imagina uma ilha perfeita sem pobreza, criminalidade, repressão, problemas entre famílias e matrimônio, sem conflitos religiosos. Uma sociedade perfeita onde os habitantes procuram o prazer em tudo o que fazem.
- More escreve críticas a sociedade inglesa e europeia do século XVI apresentando um sistema social, legal e político perfeito guiado pela razão.
- Hoje utopia está ligado a sonho impossível de realizar.

Questões:

Baseado na ideia de utopia, Thomas More descreveu uma sociedade

ideal: justa e fraterna. Elabore suas gestões que vocês dariam para construir uma sociedade mais justa e fraterna do que a nossa.

ANEXO 7 – Textos produzido pelos/a alunos/a na Aula 3

Redação 1

Uma sociedade melhor
 Uma sociedade mais justa todos trabalhando juntos para mudar muitas coisas em nossa sociedade como a falta de emprego a pobreza, a corrupção, o problema da criminalidade e da repressão, o problema da família e do matrimônio os conflitos religiosos a atenção os questões sociais e outros.

Redação 2

- Questões:
 - Baseado na ideia de Utopia Thomas More descreveu uma sociedade ideal: justa e fraterna. Elabore sugestões que você daria para construir uma sociedade mais justa e fraterna do que a nossa.

Para uma sociedade mais justa e fraterna e precisa mudar muita coisa.
 Deveria existir mais programas de ajuda aos pobres e as pessoas tem que ter consciência de ajuda ao próximo. Ajuda as pessoas que moram na rua.
 Não deveria ter briga entre os famílias, por que o marido que não ajuda a esposa está errado. Os pais tem que ajudar a cuidar dos filhos para viverem sem brigas e tem que dar um bom exemplo para os filhos.
 As pessoas tem que respeitar a religião de outro para ser mais justo com o próximo.
 Isso tudo é muito difícil de se ter, precisa de mudar muita coisa e de jeito que cominha a humanidade as coisas só vão piorar. Essas ideias não são imaginação e nunca vão dar de papel.

Redação 3

Questão:

* Baseado na ideia de utopia, Thomas More descreveu uma sociedade ideal: justa e fraterna. Elabore sugestões que você daria para construir uma sociedade mais justa e fraterna do que a nossa.

A sociedade

Uma sociedade perfeita sem pobreza, criminalidades, problemas familiares, sem conflitos religiosos, uma sociedade perfeita onde os habitantes procuram o prazer em tudo o que fazem.

Thomas imagina a vida dos habitantes da ilha de mesmo nome, não está contando uma parábola durami zadora, nem apelando para um mundo fantástico, com leis diferentes do mundo real, para pôr a nu ou denunciar, por comparação com um estado de perfeição inacessível, a Inglaterra do século XV I.

Redação 4

Trabalho de História

1) Elabore sugestões que você daria para construir uma sociedade mais justa e fraterna do que a nossa?

1 Sociedade Ideal

Thomas More, na sua *Utopia*, imagina a vida dos habitantes da ilha do mesmo nome, não está contando uma parábola dinamizadora, nem apelando para um mundo fantástico, com leis diferentes do mundo real, para pôr a nu a denúncia, por comparação com um estado de perfeição inacessível, a Inglaterra do século XVI. Os Utopianos de More sofrem muito menos que os europeus do século XVI os efeitos degradantes do trabalho socialmente necessário, em virtude dos encargos deste se encontram repartidos equitativamente por todos os membros do corpo social, em vez de recaírem sobre os ombros como acontecia na Europa das classes oprimidas.

Nos outros aspectos da vida social, Thomas More indica igualmente como os Utopianos puderam, por um esforço teórico e prático de racionalidade, resolver problemas que correspondiam às mais graves questões do século XVI europeu: o problema da similitude e da sua repressão, o problema da família e do matrimônio, o problema dos conflitos religiosos, entre outros. O fim da *Utopia*, em que o conhecimento teórico libertário defende a tese, implícita, já na obra de More, de que o projeto "utópico" de uma sociedade livre de indivíduos livres.

Redação 5Questão

Baseado na ideia de utopia de Thomas More descreveu uma sociedade ideal: Justa e Fraterna. Elabore sugestões que você daria para construir uma sociedade mais justa e fraterna que a nossa.

A utopia quer dizer ideia imaginada. Não real de sociedade. Thomas More estuda o comportamento das pessoas imaginando um mundo perfeito que não existe. Só que essa ideia não existe porque os ricos sempre querem ganhar dos pobres e não dividir o que tem com eles. Ainda tem pessoas preconceituosas que julgam tudo pela aparência como homem, mulher, gay e lésbicas. Assim, para ter um mundo mais justo as pessoas tinham que olhar mais para si mesmas e esquecer um pouco a vida dos outros. É acabar com as brigas. Ou então tirar tudo o que gera vaidade. Como carros e roupas. Mas isso seria um retrocesso, daí uma utopia.

Redação 6

Questão!

Baseado na ideia de Utopia, Thomas More descreveu uma sociedade ideal: justa e fraterna. Elabore sugestões que você daria para construir uma sociedade mais justa e fraterna do que a nossa.


Tempo!

Antigamente com a utopia Thomas More descrevia em ~~um~~ ~~seus~~ ~~suas~~ suas falas que a sociedade era justa e fraterna.

É na verdade não era bem isso antigamente era bem mais pior que nos dias de hoje. Não era bem o que ele descrevia no texto.

Se na sociedade tivesse que mudar alguma coisa mudaria a maneira de pensar, a igualdade que é bem diferente.

Quido é diferente na sociedade de hoje quase nada é justo e quase sempre não usamos os bens de vida que tem a razão.



Obs.: Os/as alunos/as 7 e 8 não entregaram o texto 2

Redação 9

Uma sociedade mais justa.

Uma vida mais social indica igualmente como os utópicos puderam, por um esforço uma teoria mais prática de racionalidade, resolver problemas da criminalidade e dos seus conflitos com a sociedade.

Enfim, por todos estes motivos, encontrar-se uma importante ponte não só de documentar sua realidade social.

Uma sociedade mais justa pra mim é ter mais mediedade mais coisas justas.

Porém, com meios técnicos idênticos, os utópicos de hoje sofrem muito menos que os efeitos degradantes do trabalho virtual dos aventureiros.

Redação 10

na verdade não tem como ter uma sociedade perfeita, porque sempre tem brigas, disputas, ~~pa~~ e peluza, na vida e assim. Sempre vai existir o lado ruim da história, mas até lá vamos ficar na imaginação.

Uma sociedade perfeita seria aquela sem discriminação, sem ~~pa~~ peluza, onde todos se entendesse no na conversa, onde não pedisse ter crimes, mas pra isso acontecer muito mais tem que mudar, não se aqui, mas todos que nele vive

ANEXO 8 – Introdução da obra “O Príncipe”

INTRODUÇÃO

Ao magnífico Lorenzo,
filho de Piero de Médicis

NICOLAU MAQUIAVEL

*A*s mais das vezes, costumam aqueles que desejam granjear as graças de um príncipe trazer-lhe os objetos que lhes são mais caros, ou com os quais o vêem deleitar; assim, muitas vezes, eles são presenteados com cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas e outros ornamentos dignos de sua grandeza. Desejando eu oferecer a Vossa Magnificência um testemunho qualquer de minha obrigação, não achei, entre os meus cabedais, coisa que me seja mais cara ou que tanto estime quanto o conhecimento das ações dos grandes homens apreendido por uma longa experiência das coisas modernas e uma contínua lição das antigas, as quais, tendo eu, com grande diligência, longamente cogitado, examinando-as, agora mando a Vossa Magnificência, reduzidas a um pequeno volume.

E conquanto julgue indigna esta obra da presença de Vossa Magnificência, não confio menos em que, por sua humanidade, deva ser aceita, considerado que não lhe posso fazer maior presente que lhe dar a faculdade de poder em tempo muito breve aprender tudo aquilo que, em tantos anos e à custa de tantos incômodos e perigos, hei conhecido. Não ornai esta obra e nem a enchi de períodos sonoros ou de palavras empoladas e floreios ou de qualquer outra lisonja ou ornamento extrínseco com que muitos costumam descrever ou ornar as próprias obras; porque não quis que coisa alguma seja

seu ornato e a faça agradável senão a variedade da matéria e a gravidade do assunto. Nem quero que se repute presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado discorrer e regular sobre o governo dos príncipes, pois os que desenham os contornos dos países se colocam na planície para considerar a natureza dos montes, e para considerar a das planícies ascendem aos montes¹, assim também para conhecer bem a natureza dos povos é necessário ser príncipe, e para conhecer a dos príncipes é necessário ser do povo.

Tome, pois, Vossa Magnificência este pequeno presente com a intenção com que eu o mando. Se esta obra for diligentemente considerada e lida, Vossa Magnificência conhecerá o meu extremo desejo que alcance aquela grandeza que a Fortuna e outras qualidades lhe prometem. E se Vossa Magnificência, do ápice da sua altura, alguma vez volver os olhos para baixa, saberá quão sem razão suporto uma grande e contínua má sorte.



¹ Como fizeram Tácito e Gibbon.

ANEXO 9 – Resumo passado no quadro na Aula 4

O Príncipe → Aula 4 dia 04/09/15

• Autor Nicolau Maquiavel, nasceu na Itália, esteve constantemente envolvido na política com altos cargos no governo.

• Após ser demitido, preso e torturado escreve a obra na tentativa de retornar ao cargo que lhe foi tirado.

• A obra é endereçada a Lorenzo de Médici que comandava a Itália em parte do século XVI, pois o poder alternava constantemente.

• Apresenta um manual de como o Príncipe deveria agir para conquistar e manter o poder. Para Maquiavel sua obrigação era preservar o poder do Estado. Ele visava unificar a Itália, pois havia disputas pelo poder.

• Maquiavel acreditava que se as normas morais e religiosas que regem o homem, fossem obstáculo ao bom governo do Estado, não valiam para o Príncipe. Por isso, sua frase principal "os fins justificam os meios".

• Para Maquiavel o Príncipe manipulava a população com seu discurso e toda fortuna operada é bem vinda.

Questão:

Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O Príncipe". Descreva quais desses pontos você pode perceber em nossa sociedade atualmente.

_____ // _____ // _____

ANEXO 10 – Textos produzidos pelos/a alunos/a na Aula 4

Redação 1

Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O Príncipe", descreva quais desses pontos você pode perceber em nossa sociedade atualmente.

Atualmente em nossa sociedade não é diferente. Todos que têm um cargo elevado na política não querem deixar. Querem sempre estar no poder pois têm em suas mãos o dinheiro do povo e com isso um salário bom e mais mordomia quando chega um determinado tempo não querem sair por nada fazem de tudo para estar no poder e fazendo o que querem com o dinheiro do povo.

Redação 2

Questão:

- Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O Príncipe", descreva quais desses pontos você percebe em nossa sociedade

O príncipe ideal seria aquele que por mais errado que seja use força, proteção e zelo por seu povo.

Nos dias de hoje não é bem assim, pois o governo nos trata em si e não no seu povo.

Mas atualmente o que vemos é que os ricos roubam milhões, bilhões e até trilhões e não vão presos, já os pobres roubam algo são presos e ficam presos na cadeia.

Para mim a ideia de Maquiavel de os "fins justificam os meios" existe até hoje principalmente nas épocas políticas quando os políticos batem em nossa porta em busca de votos.

Redação 3

Questão

* Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O príncipe". Descreva quais desses pontos você pode perceber em nossa sociedade atualmente.

Apresenta um manual de como o príncipe deveria agir para conquistar e manter o poder.

Para ele sua obrigação era preservar o poder do Estado, ele visava unificar a Itália, mas havia disputa pelo poder.

Após ser demitido, preso e torturado escreveu obra na tentativa de retornar ao cargo que lhe foi tirado.

Para conquistar o príncipe manipula a população com seu discurso e toda fortuna oferecida é bem vinda.

Obs.: O/a aluno/a 4 não entregou o texto 3

Redação 5

Questão

Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O Príncipe" descreva quais desses pontos você pode perceber na sociedade atualmente.

Hoje é completamente diferente de antigamente. Mas ainda é baseada por regras e todos tem cultura e ou religião.

Antigamente, na Itália o poder estava nas mãos das famílias, mas Maquiavel tenta fazer um modelo ideal de príncipe a ser seguido, para unir o país. Dentre as ideias tem "Os fins justificam os meios" para tentar justificar as ações do príncipe.

Parece que os políticos aprenderam bem essa ideia, pois para a maioria os fins de ajudar alguém ou instituição justificam os meios, como os atos ilícitos.

O Brasil só vai crescer quando os conceitos forem realmente corretos.

Redação 6

Questão:

Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O Príncipe". Descreva quais desses pontos você pode perceber em nossa sociedade atualmente.

Atualmente também há conquista para manter o poder. A preservação do poder ainda existe desde a manipulação que os mais fortes fazem na população fraca e indefesa.

Ele usava unificar a Itália pois havia disputa pelo poder.

Igual aos tempos de hoje. Após ser admitido, preso e torturado escreve a obra na tentativa de retornar ao cargo que lhe foi retirado.

Redação 7

Questão:

Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O Príncipe". Descreva quais desses pontos você pode perceber em nossa sociedade atualmente.

Atualmente também tem conquista para se manter no poder. A manipulação do poder ainda existe, onde os mais fortes enganam a população mais fraca e indefesa.

Maquiavel usava unificar a Itália, pois havia disputa pelo poder e para isso o príncipe tem que viver de aparências sendo sempre bom com as pessoas. Isso se parece com os políticos de hoje em dia que tem duas caras, sendo uma no momento das eleições, que se mostram amigável e tentam agradar o povo e outra quando estão ocupando o cargo, que estão rodeados de assessores e seguranças para nem chegar perto do povo.

Redação 8

Questão 10.

1. Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O Príncipe". Descreva quais desses pontos você acha preferível em nossa sociedade atualmente:

4. Apresento um manual de como o príncipe deveria agir para conquistar e agir para conquistar e manter o poder. Para ele sua obrigação era preservar o poder do Estado; ele nunca renfiou a Itália; pois havia disputa pelo poder. Após ser derrotado; preso e torturado voltou ao cargo que lhe foi tirado.

Obs.: Os alunos 9 e 10 não entregaram o texto 3

Redação 11

Questão 10.

Baseado no manual político idealizado por Maquiavel em "O Príncipe". Descreva os pontos preferíveis em nossa sociedade atualmente.

Atualmente dou-lhe a conquista para manter o poder. A preservação do poder é o objetivo.

Quando a manipulação por ele é justificada.

Ele nunca renfiou a Itália pois havia disputa pelo poder. Após ser derrotado, preso e torturado voltou ao cargo que lhe foi tirado.

ANEXO 11 – Textos produzidos pelos/a alunos/a na Aula 5

Obs.: O/a aluno/a 1 não entregou o texto 4

Redação 2

Questão

- Elabore um texto apontando iguais diferenças deste período para os nossos segundo as ideias principais dos autores em suas obras.

Elogio da Graúna

No livro Elogio da Graúna de Erasmo de Rotterdam, percebe-se que o autor faz satirizar a Igreja como a venda de indulgências, nos dias de hoje ainda pagamos as indulgências em forma de dinheiro, atualmente algumas pessoas também acreditam em tudo o que seus pastores dizem e que os vezes não são apenas verdadeiros.

A Utopia

Em A Utopia vemos que Thomas More tinha a visão de uma grande ilha onde as pessoas são fraternas e justas acima de tudo.

Utopia é um nome bem feito, atualmente também queremos uma sociedade assim mas é considerado por nós um sonho impossível e até improvável.

Continuação da redação 2

O Príncipe

O Príncipe é um livro onde Maquiavel expõe sua ideia de um príncipe ideal onde "os fins justificam os meios" nos dias de hoje em nossa sociedade os fins também justificam os meios pois os políticos tiram proveito da situação quando pedem os nossos votos, vão em nossas casas nos ludibriar com promessas falsas.

Redação 3

Questão.

* Elabore um texto apontando quais diferenças deste período para o renascer, segundo as ideias principais dos autores em seus obras.

Elogio da loucura - a lei ditava as regras e as pessoas deviam obedecer que na maioria abusava de seu poder para poder mandar e desmandar em todos, como se nada era muito todas obedeciam e faziam tudo, pois as regras eram claras e absolutas e existia penitência de dinheiro, terras e como as pessoas não queriam perder obedeciam.

Eutopia - as pessoas tinham o sonho de ter uma sociedade com socialismo com harmonia, sem brigas, sonhavam em ter uma sociedade sem racismo, sem diferença social.

Príncipe - O poder fazia com que os cabeças das pessoas se deixasse levar para fazerem o que quisessem pois não eram punidos.

Obs.: Os/as alunos/as 4, 5, 6 e 7 não entregaram o texto 4

Redação 8

Elabore um texto apontando
quais diferenças deste período para
o nosso, pegando as ideias
principais dos autores em suas
obras:

Com o Renascimento mudou
todos os pontos de vista daquela
época, e que criou vários
pensamentos contrários da
sociedade. Abranheu os campos
da Arte e a Ciência.

Erasmus Rotterdam mostrou
a outra face da Igreja Católica,
mostrando que nem tudo o que
a Igreja dizia era verdade.
Nos tempos modernos estas
conquistas modernizaram pensamento

Obs.: Os alunos 9, 10 e 11 não entregaram o texto 4

Redação 12

Questão

* Elabore um texto apontando quais diferenças deste período para o nosso, pegando as ideias principais dos autores em seus livros.

Palácio da Loucura


Esquija critica os regimes e os poderes através de ideias, que na maioria laboriosa do seu poder para poder mostrar e demonstrar um poder, como se fosse uma grande ideia ideológica e faziam tudo para os regimes serem duros e absolutos e revista peritória de elembre, mas se como os regimes não queriam perder decisão logo em dia de revista e respeito a maior mesma, mas os regimes não mais técnicos e sem peritória, mudou bastante e mudou para melhor.

Grise como a esquija continua com os regimes e com mais féis.

Contorno

Os regimes tinham o sonho de ter uma sociedade com socialização, com harmonia, sem brigas, com respeito. Também um ter uma sociedade sem violência, sem problemas um casamento tranquilo com educação social, com leis de pobre para oferecer um mundo sem nenhuma possibilidade de se realizar. Hoje no mundo se constituiu por brigas, violência, sem diferenças sociais, e com uma

Continuação da redação 12


 verdadeiramente desinformado
 do significado real da ambição, o
 orgulho, a ignorância, a vontade de
 ver sempre melhor, sobre toda a barreira do
 compartilhamento da verdade.

O puritão.
 Há uma antiga história "Ao fim justifica os meios"
 era dita e compreendida e muito respeitada, pois não
 importa pelo o que se fazia, o puritão não
 era válido, o "poder" poderia, se as pessoas
 trabalhassem para dar sentido ao poder sem prejudicar
 a estrutura de "furo" não era mais tão válida.
 Hoje em dia é a mesma coisa, vários políticos
 principalmente corruptos usam, faz os votos e nas suas
 punições, justamente pelo seu "poder", se fosse outro
 qualquer era punido rapidamente sem a mínima
 importância. "O poder" faz com que as regras das
 pessoas se deixarem de lado para fazerem o que quiserem
 pois não eram punidos.

Redação 13

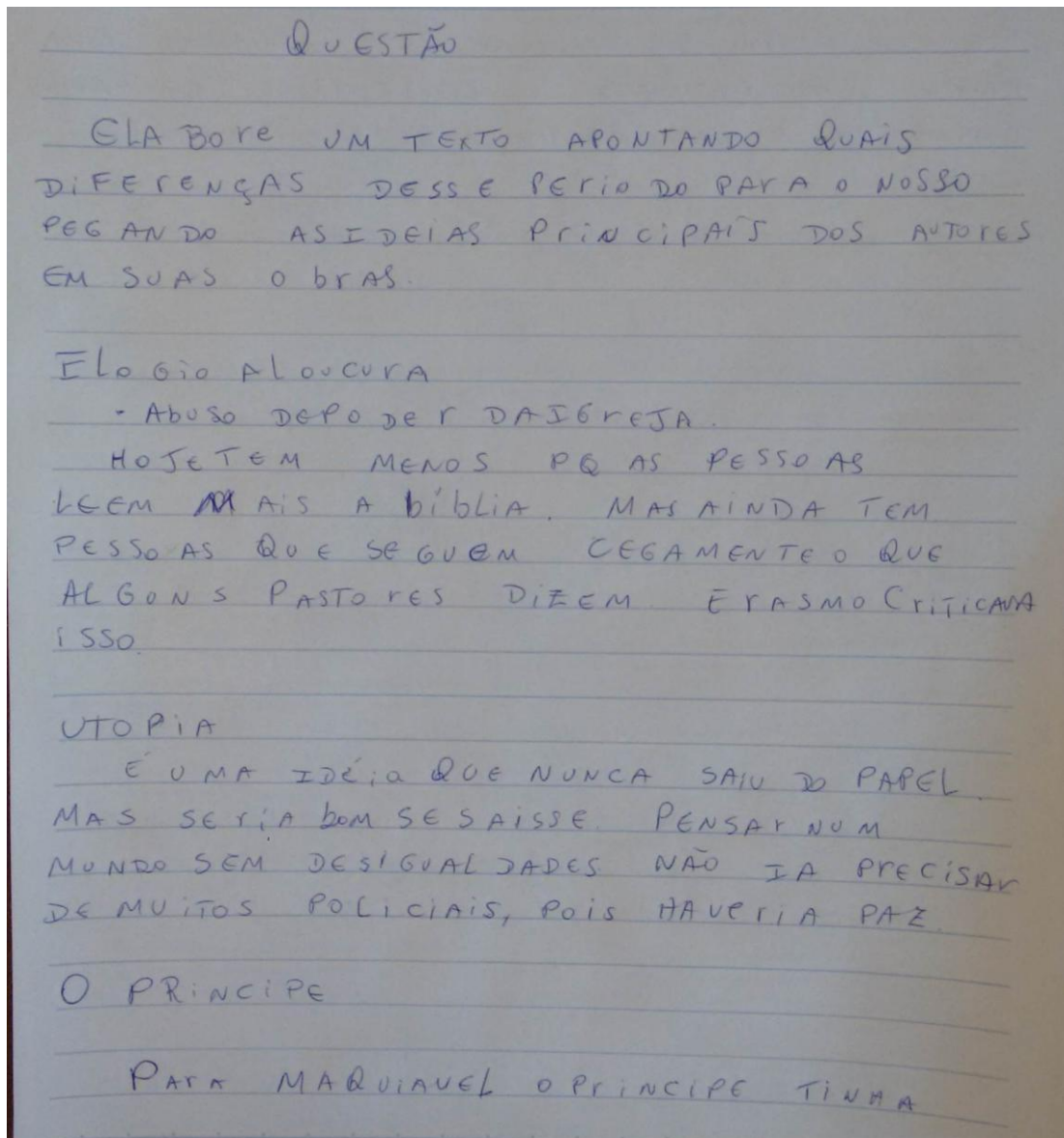
→ Calabre um texto apontando iguais diferenças deste período
 período para o nosso, pegando as ideias principais dos au-
 tores em suas vidas.

Autor: Thomas de Rotterdam
 O que antigamente as religiões eram mais rígidas
 e hoje em dia não é assim, as pessoas (algumas) nem
 seguem religião e algumas delas não seguem;

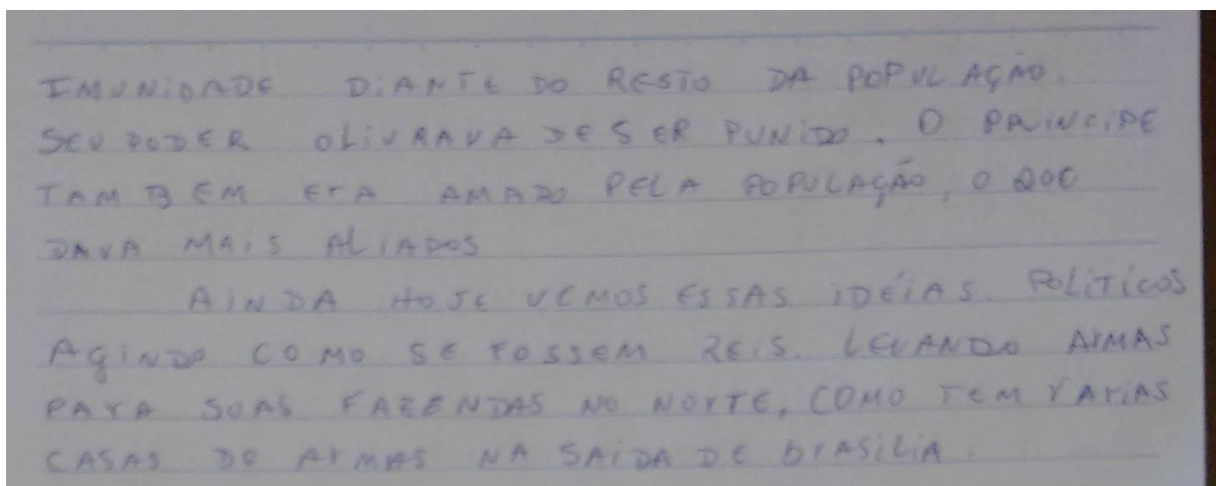
Autoria
 Hoje em dia não é tão perfeito como era, então
 antigamente não tinha os conflitos que hoje
 em dia tem, o preconceito entre "homos e pios". Entre
 matrimônios "casal gay" ou "lésbica";

→ O Puritão
 Antigamente eles achavam que se trabalhassem por
 uma causa boa eles não eram punidos, mas hoje
 não é assim, hoje são os "corruptos" então acho
 que se for rico ou poderosos não são iguais.

Redação 14



Continuação da redação 14



Redação 15

Pergunta

Elabore um texto apontando quais diferenças deste período para o nosso pegando as ideias principais dos autores em suas obras.

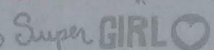
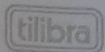
Elogio da Loucura

Erasmus de Rotterdam escreve críticas a Igreja Católica denunciando seus abusos de autoridade como: venda de indulgência e abusos do alto clero, etc. mas para não ser culpado e ser punido pelo que estava escrevendo, pede apoio a seu amigo Thomas More.

Atualmente vemos que a Igreja ainda ilude seus fiéis fazendo seguir fielmente suas vontades, somente para atender suas necessidades.

Utopia

neste livro vemos que



Continuação da redação 15

Thomas more anseia por uma sociedade fraterna e justa, mais sempre sendo um sonho apenas uma ideia impossível.

Hoje em dia podemos ver que a ideia de Thomas more é idealizada por muitos de nós querendo uma sociedade com direitos e deveres iguais.

Mas também sabemos que é impossível se criar essa sociedade ideal nos dias de hoje, possivelmente essa ideia nunca vai sair do papel e vai continuar sendo uma imaginação ou até mesmo uma expectativa do povo.

O Príncipe

Para Maquiavel o príncipe ideal seria aquele que apesar de fazer coisas erradas as fizesse por seu povo ou por seu país neste caso a famosa frase de Maquiavel se encaixaria muito bem ou seja os fins justificam



Super GIRL



tilibra

Continuação da redação 15

iriam os meios o que ele quis dizer e que, por exemplo se você roubasse comida para doar a um pobre não teria problema algum pois aquela seria uma má ação.

Hoje em dia podemos ver vários exemplos de pensamentos de maquiavel como quando os políticos nos procuram para pedir os votos dos eleitores fazendo promessas que a maioria das vezes são promessas da boca para fora coisas que nunca saíram do papel.